

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Alexander Augusto Rodrigues

**Quem conta um conto aumenta um ponto: cavucando
histórias escrevientes**

São Paulo
2022

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso

**Quem conta um conto aumenta um ponto: cavucando
histórias escrevíveis**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Profª Drª Maria Thereza de
Alencar Lima.

São Paulo
2022

Dedicatória

Dedico esse trabalho, primeiramente, às minhas avós Euza Izalda da Silva Augusto e Maria José Pereira da Silva Rodrigues que, com sua sabedoria ancestral, me ensinaram muito mais do que os espaços institucionalizados de educação poderiam proporcionar.

Aos meus ancestrais que, de uma forma ou de outra, sustentaram as minhas angústias, os meus sonhos, os desafios e os meus desejos. Toda vez que fechava os olhos, estavam ali, como estrelas na escuridão, trazendo esperança.

À minha Iyalorixá Mãe Katia de Obaluaye por torcer tanto pelos seus filhos, por cuidar tão bem dos nossos Ori, por ser essa exímia contadora de histórias que a todos encanta com o seu carinho, dedicação e inteligência.

À Elaine Gomes, contadora de histórias, professora e minha mestra de Reiki, que nos tecidos de Fátima me transportaram para uma terra que há muito eu havia esquecido.

À minha mãe Elaine da Silva Augusto, pelas lutas diárias e por nunca permitir que nada falte em nossas vidas. Lembro-me constantemente das vezes em que íamos ao shopping e ela deixava de comer para que pudéssemos saborear um hambúrguer. A sua fome se tornou o alicerce do meu viver.

Ao meu avô, em sua memória, por me transmitir toda a docilidade que um homem da sua idade e criação poderia performar.

E, por fim, mas sem dúvidas a dedicação mais importante deste trabalho, à Conceição Evaristo por ser tão inspiradora e acolhedora em meio ao caos da nossa história brasileira.

Agradecimentos

Há 08 anos eu precisei fazer uma escolha: ou eu prestava uma bolsa para entrar num cursinho pré-vestibular, sabendo que a minha família não teria condições de arcar financeiramente com uma faculdade, ou eu começava a trabalhar para ajudar financeiramente a minha mãe e conquistar, minimamente, uma certa autonomia em relação às minhas “escolhas”. Quando eu contei à minha família sobre a minha orientação sexual, a devolutiva deles era de que eu precisaria trabalhar para poder ser quem eu quisesse: “somente quando você pagar as suas contas, você poderá fazer o que quiser”, era o que disseram. Eu entrei numa crise profunda, que culminou na minha entrada no mercado de trabalho. Enquanto ia para o trabalho, tentava estudar por conta própria para poder prestar o vestibular. Tentei, não consegui. Passou mais um ano e eu tentei novamente, ainda estudando por conta própria, dessa vez eu fui mais assertivo (e tive sorte também), pois havia conseguido uma bolsa 100% na PUC. Foram 6 longos anos nessa instituição, de muita luta e resistência. Agora, ao me permitir olhar para trás, os olhos marejados, agradecem a mim mesmo pela insistência, pela força e pelas experiências que tive a oportunidade de vivenciar. Por isso mesmo (e por tantas outras coisas), preciso agradecer a mim mesmo, ao meu Ori, por estar aqui, digitando essas linhas.

Agradeço à minha família que, depois de um tempo moroso, começaram a entender os movimentos que eu vinha tentando traçar e passaram a me incentivar com afinco e dedicação. Hoje, são minhas melhores companheiras nesta jornada.

Agradeço às minhas amigas, Beatriz Ribeiro, Marcela Saldanha Pellegrini, Giovanna Salla e Eduardo Ferezim dos Santos que, desde o momento em que pisei naquela sala, fizeram de tudo para me acolher. Obrigado por terem transformado a minha experiência acadêmica numa das melhores fases da minha vida, até esse momento. Obrigado por estarem comigo nos momentos de angústia e de alegria, nos momentos de rezo e de devassidão, obrigado por tanto.

À Gabriella Rodrigues do Carmo, Flávia Aragão, Tayane Cristina Araújo dos Santos, Caroline Rufino, Luan dos Santos Rejis Balcasse e Lucas Lazarini Barbosa, por todo o amor, carinho e inspiração que me proporcionaram com sua amizade e companheirismo!

Agradeço à Paula Pinheiro Varela Guimarães, Marisa Santanna Penna, Beatriz Borges Brambilla, Fabiola Freire Saraiva de Melo, Cris Fernandez Andrada, Edna Peters Kahhale, José Agnaldo Gomes, Andréia De Conto Garbin, Amilcar Rodrigues Fonseca Junior, Alexandre Saadeh e a tantos outras professoras que me guiaram nessa trajetória, tensionando, acolhendo, provocando, incentivando o meu fazer.

Agradeço às minhas orientadoras Ruth Gelehrter da Costa Lopes, Beltrina da Purificação da Côrte Pereira e Maria Thereza de Alencar Lima pela paciência, sensibilidade e cuidado em relação às minhas angústias na produção das minhas pesquisas acadêmicas de Iniciação Científica e agora de TCC. Obrigado por cada conversa, por cada direcionamento, por cada porta aberta. Obrigado por serem tão acolhedoras!

Agradeço às minhas supervisoras e colegas de estágio Lúcia Ferraz Corrêa e Rosana Aparecida Soares de Jesus, Patricia Leal, Alba Bianco e Maria Isabel Metzler Guedes por me proporcionarem tantas experiências profissionais junto ao SUS, por me ajudarem a lidar com os processos relacionados à minha graduação e por terem me acolhido como um filho em suas preocupações e intenções. Cada abraço, cada orientação, cada gesto de carinho me deram forças para que tudo isso fosse possível. Obrigado por acreditarem e lutarem tanto por mim!

Agradeço aos profissionais dos Núcleos de Prevenção à Violência dos serviços de Saúde da região Sul de São Paulo, por serem tão inspiradores na minha caminhada profissional.

Agradeço à Mãe Kátia por me acolher como seu filho, por incentivar as minhas

escolhas e os meus sonhos e por ver aquilo que às vezes não conseguimos enxergar sobre nós mesmos. A senhora é o Sol e a Lua dos meus dias que me aquece e me inspira no meu viver.

Agradeço aos meus irmãos do terreiro Luz do Amor Divino por todo carinho e incentivo. Vocês são a minha família!

Agradeço aos Orixás, em especial à Obaluaye por me acolher em seu Ilê, à Xangô e Exu por serem os grandes donos do meu Ori e à Oya e Yemanjá, por movimentarem a minha vida, dando contorno aos meus sentimentos e ações, por me ensinarem tanto sobre mim mesmo, sobre as pessoas e sobre a humanidade.

Agradeço à Vovó Branca de Aruanda, essa grande anciã, que nos coloca debaixo de sua saia e cura as nossas dores mais profundas. Agradeço ao Vovô Mulungú do Quilombo por me incentivar a caminhar devagar e a contemplar o trajeto com olhos de sabedoria. Agradeço a todo corpo espiritual deste terreiro, por serem os nossos porto-seguro em meio às tempestades individuais de cada um de seus filhos.

Agradeço aos pacientes que tive a oportunidade de acompanhar ao longo deste ano no processo de psicoterapia, por me ajudarem, através de suas próprias histórias, a trilhar o meu caminho.

E, por fim, agradeço às mulheres inscritas nos livros de Conceição Evaristo, pela semelhança com as mulheres da minha vida e, por cada insubmissa lágrima que caía de seus olhos-abebé, molharem o chão dessa nossa terra.

*As palavras ficam diferentes quando
passam a morar dentro de você*
Benjamin Alire Sáenz

Sumário

1. Os lugares por onde o vento sopra.....	09
2. A arte de narrar histórias	14
3. As águas que molham a terra dessa escrita.....	25
3.1. Conceição Evaristo e a colheita das palavras de sua escrita.....	28
3.2. Escrevivência: uma interrogação que amplia os sentidos de sua construção..	34
4. Revisão sistemática da literatura acadêmica escrevente.....	43
5. O fogo que alimenta a nossa ação.....	46
6. No Salubá da Escrevivência.....	72
Referências	78

Rodrigues, Alexander Augusto. **Quem conta um conto aumenta um ponto**: cavucando histórias escritas. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2022, 86p.

RESUMO

Postulado pela escritora mineira Conceição Evaristo ao longo da sua produção literária e acadêmica, o termo Escrivivência tem sua origem marcada na escrita de mulheres negras. Carregadas de subjetividade, dor e resistência, as Escrivivências vão surgindo da necessidade de encontro, de ressonância, partindo de um profundo incômodo com o estado das coisas (EVARISTO, 2020). O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo a revisão sistemática de escritas acadêmicas cujo lócus de compreensão encontra o conceito proposto pela escritora ao associar a Escrivivência e seu impacto nas subjetividades de populações dissidentes, tais como a população Negra, Indígena, LGBTQIAP+, entre outras. Foram realizadas buscas nos bancos de dados SciELO, PePSIC, LILACS, utilizando as palavras-chaves: Escrivivência, Conceição Evaristo, Psicologia e Escrivivência e Psicologia e Conceição Evaristo. Enquanto resultado, sete artigos acadêmicos publicados entre 2017 e 2022 foram descritos e analisados. O *corpus* composto de literaturas decoloniais propiciou reflexão crítica sobre os objetivos das práticas psicológicas nos mais diversos âmbitos e sobre os modelos pré-estabelecidos de se fazer pesquisa e intervenção, incentivando a produção de uma psicologia antirracista e que esteja em consonância com os saberes locais e territorializados. Considerou-se que a Escrivivência Anunciativa, ao fomentar os processos de subjetivação presentes no cotidiano, propicia a construção de um espaço acolhedor, coletivo e promotor de existência às vidas subalternizadas, desvelando as interseccionalidades e as formas de (r)existência a esses atravessamentos.

Palavras-chave: Escrivivência. Conceição Evaristo. Decolonialidade. Psicologia. Narrativa.

1. Os lugares por onde o vento sopra

O vento está soprando novamente. O som agudo que entra pelas frestas e buracos desse lugar, indica que algo novo está chegando. O ar traz o cheiro da terra úmida pela chuva que caiu há pouco lá fora. Se você for paciente e esperar, verá que o vento começará a tomar forma, denso, capaz de nos sufocar. É a fumaça gerada pelo fogo que entra também nessa composição. No final, estamos eu e você, sentados aqui, lendo as palavras que iniciam esse trabalho. A natureza está pronta para invadir de forma poética a escrita acadêmica e não podemos fazer nada para mudar isso.

Certa vez, li uma história (OXOSSI, 2018) que falava de um povo que morava numa terra cheia de colinas. Eles passavam o ano inteiro construindo suas casas, mas quando chegava a época dos ventos fortes, realizavam um ritual. Festejavam a força dos ventos e se amarravam nas rochas ao pé da montanha para assistirem suas casas serem varridas pelo vendaval. Um menino desse povo, ao completar 12 anos, precisou subir a montanha sagrada para entender os motivos pelos quais os mais velhos ficavam felizes ao verem suas casas serem levadas pelo vento, após um ano árduo de trabalho. Chegando ao alto da montanha, foi engolido pela Cobra-Mãe e, de seu útero, saiu pelo umbigo, sendo coroado o mais novo feiticeiro do seu povo.

Nessa peregrinação, árdua e mortal, o menino entendeu que eles, os andantes (era como chamavam aqueles que viviam sob a Terra), não poderiam esquecer qual era o verdadeiro propósito de sua existência: a força do seu espírito. Mesmo que tudo o que tinham construído fosse levado pelo vento, o seu povo se unia e recomeçava o trabalho novamente, buscando entender os mistérios dos voantes (aqueles que já morreram), que já não sentem mais fome.

Gosto muito de pensar na potência simbólica desse conto e de traçar as linhas de aproximação que esse simbolismo traz com os objetivos deste trabalho. A minha escrita começa, lá no passado, com a urgência de entender quem eu era e, principalmente, de conseguir nomear o que estava sentindo. Durante a minha formação em Psicologia, aprendi construtos teóricos que solidificaram, para mim, uma práxis na

atuação futura, após o recebimento do diploma. Acontece, que o vento começou a soprar, primeiro devagar, depois como um vendaval.

No terceiro ano da graduação, me inscrevi para o Programa de Educação Tutorial - Psicologia e Direitos Humanos, lugar onde pude tensionar esses conhecimentos adquiridos na graduação, que eu julgava serem sólidos. Foi onde senti a brisa bater no meu rosto. Trabalhei em Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes e adentrei as discussões sobre os Direitos Humanos e a sua interface com a Psicologia. No mesmo ano, consegui passar num processo seletivo para trabalhar na Área Técnica de Atenção Integral à Saúde da Pessoa em Situação de Violência da Coordenadoria Regional de Saúde - Sul. Foi nesse momento que a brisa começou a incomodar, ganhando mais força.

Ao tentar conciliar o meu trabalho no SUS com o trabalho no PET, precisei trancar algumas matérias, dilatando o prazo da minha graduação. Hoje eu entendo que esse movimento foi extremamente necessário. Foram anos de experiência, recheados com duas Iniciações Científicas que promoviam um diálogo entre política pública, arte e envelhecimento.

Quando o vendaval chegou, tudo aquilo que eu julgava ter construído nos anos anteriores com a formação em psicologia começou a ser levado pelo vento. Amarrado com as cordas da realidade na pedra da vida, vi os ensinamentos dos autores europeus e norte-americanos serem soprados dessa terra, como um lembrete de que não pertenciam a ela.

Nesse processo, através de muita dor, entendi que a psicologia não estava na universidade, com suas cadeiras duras e frias, mas estava lá fora, nas pessoas, no que elas estavam passando, nas suas palavras, nas suas histórias. Entender isso, teve um efeito de renascimento para mim. “Ah, então é assim que se faz psicologia!?”. Não saberia responder. Para ser sincero, nem sei se quero saber a resposta. O que posso fazer, depois de subir essa montanha, é contemplar a destruição daquilo que eu achava que era o certo e recomeçar, quantas vezes fosse necessário...

Foi assim, numa dessas reconstruções, que conheci Conceição Evaristo. Entrei em contato pela primeira vez com a autora através de uma Ocupação no Itaú Cultural, na Avenida Paulista. Adentrei a exposição como o menino do conto acima adentrou o

útero da Cobra-Mãe. Fiquei horas contemplando o acervo e depois dias lendo os textos de Conceição. De alguma maneira, seus escritos lembraram-me das vozes de minhas avós.

E nesse desassossego com o tipo de profissional que eu queria me constituir, foi que encontrei dificuldades para realizar o trabalho de conclusão de curso. Cansado pelos quase 6 anos e meio de graduação, eu não estava contente com o que estava pesquisando anteriormente, até que fui participar de um bate-papo com a Conceição Evaristo no SESC Vila Mariana. Ouvindo todas aquelas mulheres falarem o quanto a autora havia sido importante em suas trajetórias, e a retórica da Conceição para que elas escrevessem sim seus sonhos e suas ideias, tomei a decisão de voltar o meu trabalho inteiro para esse momento. Naquele bate-papo, não estava apenas a autora contando sobre seus livros, mas a professora nos ensinando a sermos gente grande.

Nos encontros e desencontros com a Conceição, uma das mães-pequenas do meu terreiro me contava sobre o seu encontro com a autora. Há muitos anos, quando ela estava procurando ajuda jurídica para se separar de seu marido branco, essa mulher procurou o instituto Geledés e, na ocasião, foi recepcionada pela Conceição Evaristo. Na época, ela não sabia quem era a Conceição, mas me contou sobre a primeira pergunta que a autora fez a ela: “Você está aqui porque está sofrendo racismo dentro do seu relacionamento?”. A mãe-pequena me conta que, naquele momento, foi como se a ficha de que ela era uma mulher negra tivesse caído sobre sua cabeça. O cabelo alisado se arrepiou com a pergunta. Depois de se separarem e de muitos anos se passarem, numa matéria de jornal, ela reconheceu a mulher que havia feito essa pergunta, era a Conceição Evaristo.

É dessa forma que os ensinamentos de Conceição vão adentrando a minha vida e este trabalho é uma maneira de compreender tudo o que isso significa.

Portanto, na tentativa de produzir uma escrita acadêmica que dialogasse com as compreensões de mundo que a autora expressa na sua obra, me coloco em primeira pessoa nessa escrita. Aprendi que um trabalho científico deveria ser impessoal e quase abstrato, à imagem e semelhança do homem branco, cis, heteronormativo e eurocêntrico, algo que me incomodava num nível tão absurdo que bloqueava as torrentes criativas que jorravam de dentro de mim na hora de expressar nessas

palavras o que eu estava pensando, sentindo e compreendendo. Foi então que, dialogando sobre essa questão à luz do pensamento decolonial junto de uma paciente que eu estou atendendo na clínica da PUC, que entendemos que uma das formas de recuperarmos a nossa existência, enquanto seres vivos e cheios de subjetividade, era nos tornarmos protagonistas da nossa própria história. E o que é a escrita se não uma forma de contarmos quem somos também?

Hoje eu vou entendendo que os construtos teóricos são como planetas, cada qual com seus recursos, que orbitam a vida. De cada planeta será possível ter uma compreensão sobre esse corpo celeste que tudo influencia, mas nenhum deles será capaz de enclausurar ou de sintetizar os limites e possibilidades da vida.

E no brincar da imaginação, da ficção (que também se mostra como uma leitura da realidade) que os ventos nos levam para a história de Fátima:

Era uma vez, uma moça chamada Fátima. Fátima morava numa ilha com aquele marzão enorme e lá onde ela morava todo mundo trabalhava com a arte de fiar, para depois tecer. A Fátima, o pai da Fátima, a mãe da Fátima, a avó da avó da avó da Fátima. Todo mundo fiava, fiava e fiava. O pai dela já estava preocupado já que Fátima, uma moça bonita feito os amores, quase completando 18 anos, com destino tão certo, continuara a fiar. Ah! O pai dela a chamou para uma conversa. Disse a Fátima que havia resolvido ir embora, conhecer outros caminhos, outros lugares e disse a ela que quem sabe nessa partida, ela não haveria de conhecer também um jovem elegante, que pudesse ser um amigo, um companheiro e pudesse ser também, quem sabe, o seu grande amor! Ela ficou por alguns minutos a pensar, será mesmo que ela deixaria tudo o que ela tinha aprendido: os seus lugares, os seus amigos... E ela ficou ali a pensar...

Até que o dia da viagem chegou - e vocês sabem como são as despedidas, não é? Pessoas que vão, pessoas que ficam, acenos, lágrimas - ela se vai, Fátima e sua família naquele navio enorme. Mas de repente, já em alto mar, as nuvens do céu começaram a ficar cada vez mais escuras, as águas do mar cada vez mais violentas, Fátima já não via seu pai, sua mãe, tamanha tempestade que invadia o convés do navio. Ela tentava segurar ali num pedaço de madeira, um barril, algo que pudesse aguentar o peso do seu corpo. Mas...de tão cansada que estava ela acabou... desfalecendo - desmaiou mesmo. Mas quando acordou ela acabou acordando num lugar parecido com o que ela morava, uma ilha com um vilarejo distante. Para sua boa sorte, veio aproximando-se dela um senhor que a acolheu e a levou para seu casebre. E não é que lá todos trabalham com a arte de tecer? Pronto, estava ali uma maneira de agradecer aquele homem que havia salvado a vida dela: aprender a tecer...

Ah! Fátima que fiava, tecia, agora aprendia mais uma vez a salvar a sua vida tecendo, tecendo e tecendo. Numa manhã de sol apareceu por lá um navio que não era um navio qualquer não. Sabe aqueles navios que tem uma bandeirinha com dois ossinhos e uma caveirinha? Navio de quem? Piratas! E piratas lá são homens bons? Que nada. Começaram a destruir tudo, a pegar as pessoas para transformá-las em mercadoria mesmo. Fátima não escapou, foi levada para o

navio e não é que lá eles obrigavam todas as pessoas a trabalharem na construção de mastros! Mastros para sustentar as velas do navio. Um serviço pesado para os homens, imagine para ela uma moça tão delicada. Mas Fátima não esmoreceu não! Fátima que fiava, tecia agora construía os mastros.

E mais uma vez os dias foram passando e as noites também e Fátima ali construindo os mastros até que o navio chegou num lugar onde tinha tendas coloridas, os homens usavam uns turbantes e eram chamados de Sultão. Um deles chegou mais perto e disse: “Ah, estou cansado dessa quinquilharia toda que esses piratas sempre trazem pra cá. O que eu quero mesmo - o meu maior desejo - é que apareça alguém aqui que possa construir a mais bela e bem feita tenda que eu já tenha visto. Ah! Feita pelas próprias mãos... Quem realizar tal proeza pode pedir o que quiser que eu concedo.”

Fátima que estava ali sorrateiramente, escutando tudo à espreita, não teve dúvidas. Começou escondida nas madrugadas a fiar, começou a tecer e a construir os mastros para sustentar as tendas. Depois de muito trabalho às escondidas, depois de muitas madrugadas às escondidas, ela foi chamando a todos que estavam naquela espécie de praça, meio mercado.

O sultão? Ah! Esse aí foi correndo, ele queria saber em que tanta gente estava entretida. De repente, Fátima mostra a todos a mais bela e bem feita tenda que já havia aparecido por ali, feita por suas próprias mãos. Ah, o sultão, este não aguentava de tanta felicidade, disse à Fátima que ela poderia pedir o que quisesse. E ela pensou... Pensou em tudo o que ganhou, o que perdeu, tudo o que aprendeu e pediu a ele a sua liberdade. E mais! Se ela poderia ficar morando ali, pois foi ali que ela pôde mostrar todo o seu feito. Ele como estava muito feliz, logo lhe deu uma outra tenda, para que lá realmente ela morasse. E ela? Ah! Ela queria tanto a liberdade que ele deu a liberdade para ela. Concedeu que fosse livre. Todas as tardes ela ia lá na beirinha da praia e ficava olhando aquele pôr do sol na linha do horizonte todas as tarde. E não é que em uma dessas tardes veio aproximando-se de Fátima, um jovem, elegante, que foi um amigo, companheiro e foi também o seu grande amor! E eu!? Ah, minha gente! Eu estava lá! E eu vi tudo...

(Fátima, A Fiandeira: narração artística e outras reflexões por Elaine Gomes em seu canal do Youtube “Que História é Essa?”)

Como a Fátima apareceu para você? Como ela era? O que ela suscitou? Quem ela te lembrou? Essas e tantas outras perguntas que despontam em nossa mente quando entramos em contato com as diversas narrativas que existem por aí, são o que nos fazem refletir sobre quem nós somos. Fátima poderia ser minha mãe, minha avó, minha filha, quem sabe o meu irmão? Fátima pode ser o meu cachorro, a minha amiga imaginária. Eu também poderia ser a Fátima. Essa história nos parece familiar se tirarmos dela os elementos longínquos. O Navio de repente pode virar um ambiente de trabalho, ou uma escola, ou uma mudança de endereço. Os fios, o tear, os mastros, de repente se transformam nas palavras, na escuta, na comida, naquilo que eu sei fazer. As Fátimas da nossa vida simplesmente estão por aí, por isso, todos nós estávamos lá, vendo tudo...

Ao relatar como foi a experiência de ouvir um determinado conto, cada pessoa mostra que ouviu “um” conto, o seu. Algumas coisas chamaram sua atenção, outras não. Às vezes, ela é o personagem e vive junto com ele suas aventuras; outra pessoa observa o cenário como alguém que vê de fora o desenrolar da trama, outra se emociona, outra se pergunta sobre a adequação de tal ou qual episódio, e assim por diante. O que importa é que o conto estabelece uma conversa entre sua forma objetiva - a narrativa - e as ressonâncias subjetivas que desencadeia, produzindo um determinado efeito particular sobre cada ouvinte. (MACHADO, 2004, p. 24)

É pelas palavras de Regina Machado que damos início a este Trabalho de Conclusão de Curso. O que foi o curso de Psicologia, senão um grande conto da vida deste que vos escreve? Nesse sentido, de que forma é possível encerrar essa jornada, de tantos heróis, pensadores, angústias, professores, insônias, suor, fome, celebração, compreensão, trabalhos, amizades, estágios, escadas, rampas, salas quentes, auditórios, assembléias, movimentos, senão pela arte da escrita e da autobiografia? Eu estou aqui escrevendo sobre outras pessoas, mas que - de certa maneira - também falam sobre mim. E você? Já escreveu o seu conto?

2. A arte de narrar histórias

Muito se engana quem pensa que a tradição não é algo vivo. Pelo contrário: o que vem lá de trás pode mesmo se renovar - sem, contudo, perder-se.

Ocupação Lia de Itamaracá (Itaú Cultural - 55ª edição)

Abro este capítulo com a evocação dessa grande artista da cultura popular. Queimada do sal e do sol, Lia de Itamaracá representa um patrimônio cultural vivo. Cirandeira, Lia canta a tradição de sua terra, Itamaracá, trazendo a história de seu povo através de sua própria vivência como uma mulher negra pernambucana e cirandeira. O seu corpo passou a se constituir como uma ocupação de saberes tradicionais, sua voz conduz a arte de contar o cotidiano, (re)afirmando que a tradição é algo vivo e que está em constante diálogo com os diferentes povos e tradições. Em seus versos cirandeiros, já dizia Lia que “minha ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todos nós”.

Na literatura acadêmica e científica é possível encontrar pesquisas que tratam da arte de contação de histórias como um meio facilitador do desenvolvimento de uma cultura e apropriação de si. Existem projetos com crianças e adolescentes, adultos, velhos, públicos intergeracionais ou voltados para as questões de gênero, que exemplificam a plasticidade do uso da produção de narrativas na tratativa de diversas temáticas e problemáticas que transcendem a vida pessoal e grupal do ser humano.

Os espaços que promovem as narrativas sempre estiveram presentes, as pessoas estão, a todo momento, contando histórias, algo que perpassa a condição humana, independente de cultura, povo ou etnia. Dos jograis medievais aos posts na internet, o narrador sempre está presente, isso porque “a narrativa promove ao espectador a liberdade, quando a história não é imposta, quando também conta a história de tantas outras pessoas” (GOMES, 2018, p. 19).

Contudo, para entender a forma como se narra hoje, é preciso retomar a História. No passado da Humanidade, para além das pinturas rupestres, os conhecimentos, hábitos, crenças e comportamentos de uma cultura local, eram transmitidos oralmente, “boca a boca”, uma vez que não se detinha o domínio da escrita. Importante dizer, entretanto, que o poder da palavra ficava nas bocas dos anciãos, aqueles que tinham mais experiência de vida (GOMES, 2018, p. 31). Cabe ressaltar que a prática de transmissão oral dos conhecimentos sobreviveu com o passar dos anos e, ainda hoje, é possível observar algumas nuances desse comportamento:

Na África Central, por exemplo, esse papel era desempenhado pelos griots, contadores de histórias que narravam de aldeia em aldeia os ensinamentos adquiridos na escuta de seus ancestrais ou de seus mestres. Os griots, jali ou jeli, de origem francesa, são contadores de histórias e vivem hoje em muitos lugares da África ocidental, incluindo Mali, Gâmbia e Senegal. [...] Nesse exemplo de oralidade primária, que não recebe influência da escrita, a palavra tem como função a gestão da memória social, da lembrança e das vivências sensoriais dos indivíduos. (GOMES, 2018, p. 31)

A memória social, assim chamada por Elaine Gomes, tinha por objetivo perpetuar a história de um povo. Em diferentes culturas, por exemplo, pessoas eram escolhidas e preparadas para serem os narradores, repassando os conhecimentos do dia a dia, cantos sagrados, genealogia, histórias dos seus heróis, práticas de curas e de ofícios. Encontra-se na História, o registro de que em muitas sociedades, o gênero masculino

era escolhido para ser o narrador, embora muitas mulheres se apresentassem como as detentoras desse histórico de contadoras de histórias. Particularmente no Ocidente, conforme relata GOMES (2018), eram as mulheres mais velhas as encarregadas desse ofício:

“.... consideradas como guardiãs dessa memória familiar ou ainda mesmo tribal. Dependendo da sua cultura ou sociedade, eram denominadas sábias, bruxas ou simples alcoviteiras. Mas, de qualquer forma, eram elas as detentoras do saber tradicional popular e continuariam a transmiti-los, ainda que muitas vezes contra os interesses dominantes de cada cultura ou enfrentando a cultura oficial letrada. Essas "velhas narradoras" são frequentes também nos contos orientais e na literatura européia da Idade Média.” (p. 32)

Pensando na valorização dessa prática, de acordo com a mesma autora, encontramos na Grécia Antiga o ensino da retórica considerada como algo divino. A retórica, ou a arte de falar bem, era considerada pelos sofistas como um “princípio fundamental para demonstrar a capacidade do orador em desenvolver bons argumentos e conhecimentos” (p. 33). Com a chegada da escrita, marcando o início da alfabetização e da leitura, a figura do orador começa a se transformar. Os conhecimentos, que antes ficavam na memória daquele que narrava, começava a ser ditada para o escriba, permitindo o seu registro e posterior leitura:

A primeira forma de escrita que se tem registro foi chamada de cuneiforme (tábuas de argila), tendo origem na Mesopotâmia, por volta de 3000 a.C. No Egito Antigo, os hieróglifos já sinalizavam a chegada da escrita, mas ainda em desenhos estilizados. O Oriente e seus continentes, cada qual foi desenvolvendo sua forma de comunicação por meio da escrita, como os ideogramas asiáticos, por exemplo. A Idade Média foi um período de transição quanto à coexistência da oralidade e da escrita; nessa época, havia a escrita, mas valia o que era dito, pronunciado pela voz e percebido pela audição. A lei nesse período não era o texto escrito, mas a palavra do rei. Os escritos, entretanto, acabaram crescendo cada vez mais, já não sendo possível, em muitas ocasiões, o rei guardar tanta informação para dizer em meio à praça pública. Era na ausência da leitura para todos, que os costumes que ditavam o modo de vida davam ao corpo humano e às suas exigências um lugar convincente para que não fossem geradas resistências, durante tempos incontáveis (p. 34).

Com a modernização e o refinamento da arte da escrita, a produção do conhecimento se transfere da boca para as mãos, da fala, para a leitura e o acesso a todos esses textos começa, pouco a pouco, a ser popularizado. A informação acabava chegando pronta, deixando pouco espaço para a imaginação, pesquisa e criação,

tornando a arte de narrar - tal qual enquanto perpetuadora da história de um povo - uma espécie em extinção (p. 27).

Da mesma forma, já questionava Ecléa Bosi (1997): “Por que decaiu a arte de contar histórias?”. Por que decaiu o movimento de todos se sentarem para ouvir alguém falar? Bosi conclui: “Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão” (p.84).

Vivemos, cada vez mais, na era da (des)informação e do imediatismo. As informações, agora em grandes quantidades, se apresentam instantaneamente, dificultando a sua assimilação ou crítica. “Há pouco espaço para ouvir, para o compartilhamento de vivências e para a assimilação de saberes, impactando diretamente na arte de narrar” (GOMES, 2018, p. 29).

Com a chegada da internet e dos dispositivos móveis, a sociedade passou a operar em rede, tendo sua abrangência agora como sendo global, pois “as redes não se limitam às fronteiras existentes entre países ou estados” (FALCÃO; SOUZA, 2021, p. 57). O ciberespaço configura um novo lugar de comunicação, sociabilidade, organização e transação, situando-se também como um espaço em disputa no que tange a produção e disseminação do conhecimento e das questões sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas. Com uma maior capilaridade na troca de informações em tempo real, a criação compulsória de novas redes se torna cada vez mais interativa e imersiva nesse espaço virtual (FALCÃO; SOUZA, 2021, p. 57).

Nessa nova configuração ao qual estamos submetidos, o ditado de que a “internet é uma terra de ninguém” começa a surgir quando as disputas pela narrativa de uma verdade operam em função à uma disputa pelo poder desses novos ciberespaços. Essa nova era de narrativas, chamada agora de “Era da Pós-verdade”, tem como característica a produção de discursos que vão contra o fluxo factual/crítico da informação. Justamente, essa era se sustenta na “desordem informacional” que abala a confiança nas instituições e prejudica o exercício da democracia, liberdade de expressão e a consolidação e prática dos direitos humanos (FALCÃO; SOUZA, 2021, p. 57 - 58).

Um dos argumentos para o surgimento desse fenômeno está calcado na tese de que as múltiplas crises que as sociedades estão enfrentando, tal qual a precariedade de trabalho, desigualdade social, aniquilamento de produções étnico-culturais, violências estruturais, dentre tantas, produz uma “galáxia de comunicação dominada pela mentira, ausência de privacidade, na qual nos transformamos em dados”, que constroem uma sociedade “sobre o estímulo de nossos baixos instintos e a comercialização de nossos demônios” (Idem, p. 58).

A rede produz um tipo de espaço social que não guarda continuidade em relação às “territorializações de espaços físicos” (RAMOS, 2015, p. 59). Deste modo, a falta de materialidade (que dentro dessa perspectiva só existe enquanto tecnologia transmissora dessa rede: tablets, smartphones, computadores etc.) não produzirá um limite nas relações sociais presentes dentro de um território, o que contribui para a produção de narrativas caóticas e desterritorializantes (RAMOS, 2015, p. 59).

Segundo Milton Santos (2002), um território funciona como um “campo de forças, uma teia ou uma rede de relações sociais” que de acordo com sua complexidade interna, define limites e alteridades, isto é, a “diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade, ou ‘comunidade’, os insiders) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os outsiders)” (apud SAFFIOTTI, 2017, p. 86).

Um território embora seja constituído num espaço físico-geográfico sempre, de forma indissociável, “carregará uma dimensão simbólica ou cultural em sentido estrito, e uma dimensão material, de natureza predominantemente econômico-política” (SAFFIOTTI, 2017, p. 72). Um território, portanto, caminhará das “fronteiras entre os povos aos limites do corpo e do afeto entre as pessoas”, incluindo a noção de pertencimento ao local cotidiano em que a vida se desenrola” (SAFFIOTTI, 2017, p. 72). Vimos acima, que a arte de narrar histórias está intimamente ligada à noção de territorialidade, como um lócus de produção de sentidos e identidade, que tinha como prática marcada ao longo das gerações, dentro de certas tradições.

A internet, nesse sentido, atua numa contraprodução - cada vez mais acentuada - de narrativas territorializadas, implicando em mudanças na construção identitária e no aprisionamento do corpo e da subjetividade das pessoas. Pensando na juventude, a rede resulta no “o isolamento corporal de jovens em relação a corpos próximos, que é

indicativo não da falta de conexão e do ensimesmamento, mas como pré-condição para outro tipo de conexão: aquela da rede” (RAMOS, 2015, p. 64). Na ânsia de se conectar às redes sociais e aos espaços virtuais, vamos nos desligando dos que estão à nossa volta, envolvendo-nos simbioticamente às bolhas criadas pelos algoritmos que funcionam como condicionadores de conteúdos e informações (FALCÃO; SOUZA, 2021). Assim, a falta de crítica em relação ao que consumimos, aliada à sensação de super identificação com um espaço ficcional que nos desterritorializa, vamos criando a atmosfera propícia para o aniquilamento da tradição e cultura local.

Nesse contexto, a arte de contar histórias, seja através das mais diversas formas de narrativa escritas, cantadas, faladas, corporificadas, se apresenta também como um movimento de resistência dessa identidade social.

Elaine Gomes (2018) nos conta, ainda, que na década de 1970 um grande movimento de contar histórias acabou sendo retomado em alguns países, como Brasil, Inglaterra, França, Canadá e Estados Unidos. Esse movimento surge, paradoxalmente, como uma resposta à modernidade e à agilidade de informações. As pessoas, agora sem tempo para sentar-se e escutar, começaram a buscar essa prática no intuito de desacelerar, principalmente nas grandes metrópoles (GOMES, 2018, p. 51).

Cabe ressaltar com isso, que o exercício da oralidade nunca foi completamente abandonado, se metamorfoseando e resistindo até os dias atuais na forma de diversas manifestações públicas (GOMES, 2018, p. 35). Bosi (1997), indica que a narração “é uma forma artesanal de comunicação” que visa transmitir o “em si” do acontecido através de uma transformação em sua forma, por exemplo:

“Era uma vez uma mulher que morava no alto de uma colina. Lá ela tinha tudo o que precisava para ser feliz...”. Ao escutar essa primeira frase de uma história contada, a plateia pode perceber e imaginar diversos contextos, a partir do seu repertório particular. A história também pode ser lida e, dependendo da leitura desse narrador, a plateia também poderá criar outros contextos, influenciada pela performance dada a essa leitura. Contar uma história é algo muito peculiar, principalmente ao narrador que, de alguma forma, precisa se identificar com a história escolhida: se é verdade para você, assim é. Mas o que se afirmar e se reconhece em muitas narrativas é, justamente, a verdade da história, no primeiro momento, a verdade para o próprio narrador. A audiência percebe o sentimento, a emoção e a verdade no espaço da oralidade na voz do contador. (GOMES, 2018, p. 17)

Perceba que Elaine Gomes, ao narrar sobre a sua própria história, transforma a sua memória em uma narrativa, com todos os elementos lúdicos e interpretativos que nos permite acompanhar, em vias da imaginação, o seu trajeto. Para muitos, essa ainda é uma tarefa difícil, imaginar, narrar, acompanhar uma história. Nesse sentido, é possível observar que o contato que temos com a literatura é empobrecido, ficando reclusa à experiência escolar. Isso, somado ao fato de que apenas 52% da população brasileira foi considerada leitora (aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses) em 2020, mostrando um cenário de pouco investimento em práticas de incentivo à leitura. Em 2015, por exemplo, encontrávamos uma média de 56% da população considerados leitores, de acordo com a pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil - 5ª edição" (FAILLA et al, 2020).

Levitin (2017), citado por Falcão e Souza (2021), comenta que uma das saídas para a crise da era da pós verdade está no investimento da educação. Segundo os autores, a ausência de uma educação de qualidade (e aqui pensamos uma educação crítica que dialoga com a realidade e é capaz de produzir emancipação), ocasiona ao indivíduo um prejuízo na sua capacidade crítica em relação ao mundo, gerando um movimento de "irracionalidade voluntária" (LEVITIN, 2017 apud FALCÃO; SOUZA, 2021, p. 58).

Dessa forma, a arte de narrar histórias mostra-se como uma intervenção neste contexto, já que é perceptível a produção de uma educação viva, que convida a todos a terem "vontade de olhar nos olhos das outras pessoas", compartilhando com o narrador/professor o conhecimento através de uma história (GOMES, 2018, p. 19):

Onde está o narrador que viaja pelas artes, vai ao cinema, visita exposições de arte, está presente no teatro, brinca no parque e está lendo, escrevendo e contando muitas histórias? Nos tempos atuais, o espaço do narrador é também do professor, desde o Ensino Infantil, mas este muitas vezes enfrenta uma jornada excessiva de trabalho, seguindo currículos escolares que ignoram quaisquer criações, propondo apenas memorizações. Por consequência, as escolas estão repletas de alunos que também memorizam e respondem questionários de interpretação de texto. Além disso, pais, mães e avós, exímios contadores de causos, também perderam essa prática de contar histórias. O tempo, a distância e a correria deixaram o encontro, a roda de histórias e os almoços de domingo quase para o último capítulo. (GOMES, 2018, p. 21 - 22)

A oralidade instiga o narrador a provocar o ouvinte, estimulando seu potencial de criação e de imaginação. Embora a arte de narrar não esteja confinada nos livros, pois

o narrador “tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que a escutam” (BOSI, 1997, p.85), configura-se, pois, como um veículo de aprendizagem tanto para o público, quanto para o narrador, além de ser uma ação de valorização da leitura e do contato literário (GOMES, 2018).

A narração, nesse contexto, embora realizada em grandes grupos, é individual e pessoal. Isso se dá, pois, o ouvinte terá a sua “história de vida como repertório para imaginar e recriar a história narrada”, independentemente da sua idade (GOMES, 2018, p. 49 - 50):

É como se tudo que tivéssemos absorvido de nossas experiências fosse sendo guardado” em alguma mala invisível e, no momento em que ouvimos a história, pedissem para que criássemos ou fôssemos até a nossa mala de grandes guardados e “pegássemos” a imagem. Nesse instante de segundos, o ato de ouvir histórias se torna libertador, porque não existe certo ou errado, a imagem certa ou criada determinada pelo narrador, mas existe a sua imagem. Nesse momento, a audiência - o público - torna-se coautor da história com todos da plateia ou com o narrador. É essa potência que dá ao texto toda a sua magia e o seu encantamento, justamente porque valoriza as experiências de cada indivíduo, independentemente da sua idade, condição social e do lugar onde nasceu, bastando unicamente fazer uso de suas vivências e de sua imaginação. (GOMES, 2018, p. 49 - 50)

Parafraseando Walter Benjamin (1997) e Ecléa Bosi (1997), o narrador “figura entre os mestres e os sábios”, é aquele que tem o “dom do conselho”. Isso se dá, como dito acima, pelo contato com o acervo de toda uma vida. “Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo” (BOSI, 1997).

Pensando nesses dizeres, Elânia Francisca, ao narrar a sua própria experiência com a escrita, traz à tona toda a substância mais íntima daquilo que viu, ouviu e viveu, salientando o poder transformador e terapêutica que a escrita - ou as diversas formas de narrativas - tem na elaboração das situações vividas:

Na juventude, eu passei por situações de muita violência num relacionamento e num local que eu trabalhava. Daí eu criei um blog que só eu tinha acesso. Parei de escrever textos de ficção e comecei a relatar (para mim mesma) as coisas que me aconteciam e como eu me sentia com relação ao que estava vivendo. Como eu estava "viciada" numa narrativa ficcional, meus textos eram escritos como se eu não fosse eu. Existia uma moça (que não era eu) que vivia uma realidade (que não era a minha). Depois eu abri o blog para algumas pessoas de confiança acessarem e foi muito fortalecedor! Passei a me sentir à vontade falando sobre mim e entendi que contar minha própria história é um ato poderoso. É poderoso porque minha história pode se parecer com a história de

alguém que se sente solitária em sua dor ou abandonada em sua potência. Quando falo de mim, estou falando de muitas pessoas por meio de minha vivência. (FRANCISCA, 2021)

Quando Elânia Francisca traça o paralelo entre a sua história e a de outras meninas negras, proporcionando uma identificação e uma valorização da necessidade de se contar suas vivências com a potência que carregam, ela está trazendo uma dimensão da narração chamada de “escrevivência”. Escrevivência foi um termo cunhado por Conceição Evaristo, escritora mineira, nascida em Belo Horizonte em 1946. Em uma entrevista dada ao Itaú Social (2020), Evaristo retoma a história do termo:

Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande. (EVARISTO apud SANTANA; ZAPPAROLI, 2020)

A narrativa, mesmo que incômoda, ainda que quem a detenha esteja sangrando, abre uma porta de inúmeras possibilidades, dentre elas as ressignificações, o acolhimento, as viagens potentes, o reconhecimento de uma história, uma trilha de um “percurso de cura” (FRANCISCA, 2021). “Diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível” (EVARISTO apud SANTANA; Zapparoli, 2020).

O professor e pesquisador dr^o Amarino Oliveira de Queiroz (2019) vai dizer em sua pesquisa sobre literatura africana que a tradição das narrativas observadas no trabalho desenvolvido por diversos escritores africanos contemporâneos vem se constituindo de maneira poética, tendo a sua retomada enquanto tradição na “reelaboração através da palavra fixada pela escrita ou performatizada pela associação entre voz, gesto, movimento, encenação e traço, como ocorre no rap” (QUEIROZ, 2019, p. 110 - 111).

Nesse sentido, esse movimento tem se constituído num elemento importante que possibilita a afirmação positiva das identidades culturais de determinados países.

No Brasil, movimentos parecidos com os estudados pelo pesquisador, também vem se consolidando enquanto um território de produção de subjetividades e pertencimento cultural. Vimos no início deste capítulo a citação de Lia de Itamaracá que, embora não seja uma rapper, tem no seu gênero musical - a Ciranda - um campo importante de afirmação identitária da cultura preta nordestina. A este respeito, Queiroz (2019) refletirá que essa arte de contar histórias extrapola os limites geográficos da sua produção, propagando a cultura nos diferentes meios, proporcionando uma elaboração e perpetuação da história de determinadas populações. Assim como os griots, as novas formas de produzir oraturas, sejam escritas, orais, imagéticas, gestuais, também atuam na gestão da memória social, compartilhando através das vivências individuais, saberes de uma coletividade.

Elaine Gomes (2018), por sua vez, refletirá que é a faculdade de intercambiar experiências que promove a arte de narrar histórias. Nesse sentido, trabalhar com as narrativas evidencia-se como um estudo em que é necessário treinar o olhar e a escuta para a compreensão das categorias que emergem do discurso (MOURA; LIMA, 2014, p. 99 - 100):

“Quando conto histórias, sempre digo que não estou contando histórias, e sim trocando histórias. São tantas experiências vividas esperando uma oportunidade de serem compartilhadas que o narrador também surge aí, dessa possibilidade de intercambiar experiências proporcionadas ou estimuladas a partir da narração (GOMES, 2018, p. 28)

Penso, nesse sentido, através das leituras realizadas para essa pesquisa, que trabalhar com as narrativas se configura como um meio facilitador para a reelaboração de experiências vividas e sentidas, operando num caminho de cura e de potencialização de uma história que é necessária e que pode denunciar uma série de fatores sociais, históricos e culturais.

Como narradores em potencial, estamos sempre contando histórias e, além disso, a criança também recebe do passado. Não apenas as informações da história escrita, mas “mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização” (BOSI, 1997). Sem as histórias de

nossas avós, não haveria memória, não haveria como acessarmos a ancestralidade pungente em nossa própria constituição.

Nesse sentido é que Moura e Lima (2014) ressaltam em sua pesquisa com rodas de conversas realizadas com professores de universidades que o sujeito não narra sozinho, ele reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas “que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva” (MOURA; LIMA, 2014, p. 100). Por esse motivo, é que um pesquisador que irá trabalhar com narrativa precisa compreender todo o contexto que as memórias individuais e culturais estão inseridas.

Por fim, contar a sua própria história pode propiciar ao escritor/narrador um encontrar-se consigo mesmo enquanto produto de uma vida cheia de experiências e memórias, isto é, uma vida histórica e ao mesmo tempo simbólica. Utilizar este recurso pode acarretar num processo de elucidação e elaboração de conteúdos que foram sendo negligenciados durante a vida, operada por meio de uma transformação pessoal e social - e se pensarmos também na lógica das Escrivências - no revisitar das experiências dessas pessoas – se configuraria enquanto uma arte de narrar a sua própria vivência através das suas relações sociais, temporais, culturais e do cotidiano.

Dessa forma, o conceito postulado pela Conceição Evaristo pode ser compreendido enquanto uma proposta metodológica em psicologia, no que tange a valorização do cotidiano de pessoas atravessadas por uma série de mecanismos estruturais que impedem a livre expressão de sua subjetividade e as aprisionam num modo de sobrevivência, operadas por ideologias machistas, racistas, idadistas, capacitistas, adultocêntricas e tantas outras que implicam numa condição de subalternidade às populações dissidentes (COLLINS, 2017; AKOTIRENE, 2019).

E depois de sermos conduzidos por esses ventos ao longo da arte de narrar histórias, veremos adiante que não é tão simples assim se apropriar da sua própria história, principalmente numa sociedade que negligencia outras existências que fogem à regra da normatividade. Mecanismo de controle e opressão que se envereda pelas raízes culturais de nosso povo, sendo necessário que cavuquemos essa terra em busca dos parasitas que sugam a nossa memória.

3. As águas que molham a terra dessa escrita

Nesse sentido, o que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento.

Conceição Evaristo (2010)

Certa vez, nos caminhos escuros e úmidos do Largo 13 de Maio, no coração de Santo Amaro em São Paulo, eu escrevi um poema que intitulei de “Fragmentando a Canção”. Esse poema foi um marco na minha vida, pois ali eu entendi que a voz que não era ecoada no mundo pela minha boca, encontrava espaço e ressonância nas páginas daquele caderno velho, cheio de anotações.

Eu estava com 18 anos na época, tinha começado o meu processo de encontro com a minha sexualidade, tinha acabado de sair do meu trabalho como Jovem Aprendiz, o peito doendo diante do turbilhão de sentimentos, experiências e expectativas (Ah! Principalmente de expectativas!) que insistiam em fazer morada dentro de mim.

Entre 2014 e 2015, eu escrevi mais de 50 poemas. Eles surgiam como formigas, às vezes silenciosos, outras vezes dolorosos, mas o fato é que estavam sempre ali, em busca de algo. Um desses poemas foi intitulado de “- Ser Mudo”, foi um dos poemas que mais sangraram ao sair de mim. Era como se o meu corpo todo o colocasse para fora, num movimento parideiro que extravasava um mundo interno do qual eu insistentemente tentava olhar com os olhos de fora. Em suas linhas, escrevi que não sabia como gritar e que na tentativa, acabava agredindo o meu próprio paladar, pois um dia ser mudo me fizeram ficar:

Sabe-se que envolvido em termas quentes,
Descansa o caloroso diligente.
Sabe-se, também, com seus gestos frequentes,

Fala por não falar, dizem que não é gente.

Sei, ai como sei, que sua fala é expelida no vulto.

(Ser mudo)

Entendo, por comparação, que a linguagem é apenas uma forma de apresentação.

Não sei; não sei como gritar,

Se ser mudo me fizeram ficar.

Agrido meu próprio paladar,

Onde o calcanhar me faz perder o cantar...

Garganta. Não é de meu corpo, em si, que falo.

Gesticulo por meio das ideias, já que meu som não consente,

Nem a voz chega aos ouvidos iminentes.

Ser mudo que sou, endureço e fraquejo, me calo.

("- Ser Mudo", autoria própria, 2015)

Hoje, depois de reler tantas vezes esses versos, entendo o que estava querendo expressar naquele momento. Para mim, a produção do poema é quase como um movimento instintivo, muitas vezes, motivado por alguma situação interna ou externa, as palavras se libertaram e tomaram forma e, na hora, eu não saberia dizer o que significavam. Interessante, contudo, é que toda vez que retorno a esses textos, uma nova compreensão se apresenta, e daí vou entendendo que algo tão complexo, junção de tantos processos da vida, que nasce num movimento parideiro, não poderia ser condicionado a determinados significados pré-estabelecidos.

A compreensão que tenho agora, é de que me fizeram ser mudo durante uma vida inteira, enquanto tentava expressar quem eu era. "Não faça isso, menino, vão pensar coisa errada de você", "Você quer ser chamado de gayzinho?", "Isso é coisa de menina, em!", "E as namoradinhas?", "Tem certeza que não é só uma fase?", "Tira esse batom ou vou arrebentar a sua cara". Tantas frases ditas de fora e de dentro, me

fizeram calar por tanto e tanto tempo. Quem sabe ainda não tenho um pouco de silêncio dentro de mim... É algo que costumo pensar quando escrevo sobre isso.

Acontece, que a vida faz seus caminhos labirínticos, e depois de 1 ano da escrita de “- Ser Mudo”, comecei a escrever uma série de poemas que intitulei de “Fragmentando”. Cada poema era uma fragmentação. Eu estava numa ânsia por entender tudo o que estava vivendo e, numa tentativa também instintiva, comecei a fragmentar as coisas para, quem sabe, conseguir aglutinar todos esses significados em imagens que traduzisse aquilo que eu queria compreender. Uma dessas tentativas de fragmento, foi o de entender o próprio ato de parir poesias. No meu primeiro semestre da faculdade de psicologia nasceu “Fragmentando a Canção”:

Eu quero fragmentar
A canção desse mar
De tudo um pouco amar
Que seja, até, para meu coração chorar.

Há os que cantam o amor
Suas vozes de dor,
Suas vozes de cor.
Cantando sobre o sentimento inenarrável.

Há os que cantam a felicidade
Suas vozes de simplicidade,
Suas vozes de cumplicidade.
Cantando sobre o sol, a natureza e a terra.

Há os que cantam a dor...
Suas vozes cansadas,
Suas vozes traídas.
Cantando sobre como sua vida lhes é caída.

E existe o eu. Que canta na luz, na escuridão, no céu e no chão. Que canta o amor, que canta a felicidade e que canta a dor. Sinto tudo e não sinto nada, sou humano que escorre feito água. Canto sem voz. Canto com rima, canto no esquema:

- Canto pelo meu poema.

(“Fragmentando a Canção”, autoria própria, 2016).

Eu escrevo para poder libertar as diversas vozes que ecoavam dentro de mim. Eu escrevo para poder expressar o que sinto, o que sou e a minha história. Eu escrevo como um lembrete (para mim mesmo) de que um dia eu já passei por isso e, se ainda passo, encontro formas de resistir enquanto respiro. Assim como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, a escrita me proporcionou libertação, porque essa escrita é sobre a realidade, sobre uma história que ressoa em tantas outras, sobre uma escrevivência, uma escritura, uma invenção, sobre uma poema. E é sobre tudo isso que esse capítulo está destinado a ensaiar.

3.1. Conceição Evaristo e a colheita das palavras de sua escrita

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.

Carolina Maria de Jesus (2014)

Maria Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1946. Filha de Joana Josefina Evaristo e irmã de Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo e Maria de Lourdes Evaristo. Depois, Conceição Evaristo também se tornou filha de Aníbal Vitorino, seu padrasto, e teve mais cinco irmãos homens, filhos de Aníbal com Joana Josefina. Aos sete anos, Conceição foi morar com a tia Maria Filomena da Silva, irmã mais velha de sua mãe. Tia Lia, como ela costuma chamá-la, era casada com

João da Silva, apelidado de Tio Totó, e trabalhava como lavadeira, assim como a mãe de Conceição Evaristo:

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos (EVARISTO, 2010, p. 12)

De infância muito pobre, um dos modos de sobrevivência experimentados pela autora e sua família se deu a partir dos “restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas” (EVARISTO, 2010, p. 13). A autora conta que, no final da década de 60, quando o diário de Maria Carolina de Jesus lançado em 58 pelo jornalista ,ressurgiu, elas se sentiam como as personagens dos relatos de Carolina:

Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos. (EVARISTO, 2010, p. 13)

Gerando uma grande comoção aos leitores das classes mais pobres, o livro de Carolina Maria de Jesus, “a favelada do Canindé” acabou criando uma tradição literária. Segundo Conceição, a mãe dela, Joana, se identificou a tal ponto com “Quarto de Despejo” que também começou a escrever um diário, guardado carinhosamente até hoje com a Conceição: “Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela” (EVARISTO, 2010, p. 13).

Diante de tamanha inspiração citada por Conceição Evaristo, escolhi um trecho do livro de Carolina para abrir essa parte do capítulo que, como pioneira desse tipo de escrita, trouxe representatividade a tantas outras escritoras faveladas que, no ofício do escrever, vão capilarizando a escrita do cotidiano e o seu caráter de denúncia frente a

uma dura realidade enfrentada por alguns grupos em situação de subalternidade em detrimento de outras populações que detêm a palavra, a escrita e o domínio sobre o corpo, voz, mente e alma daqueles aqui representados pela escrita de Conceição, Carolina, Glória Anzaldúa, Amara Moira, Nelly Duarte, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Sônia Guajajara, Sandra Benites, Vilma Piedade, Zannah Lopes, Itamar Vieira Junior, Chimamanda Ngozi Adichie, Oyèrónkẹ Oyěwùmí, P J Pereira...

A gênese da escrita de Conceição Evaristo, segundo a autora, se dá diante do acúmulo de experiências vividas por ela na infância. Uma das primeiras experiências narradas pela autora veio de um gesto realizado pela mãe através de um sinal gráfico talhado no chão lamacento através de um graveto. Conceição correlaciona essa grafia como um gesto ancestral, passado de geração em geração, em que não apenas a mão ou o braço se movimenta, mas todo o corpo, debruçado na mensagem e no seu simbolismo, que a mãe queria representar:

Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente juntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão (EVARISTO, 2020, p. 49)

No desenho-grafia de sua mãe, estava implícito o seu desespero. Conceição conta que, a estrela desenhada no chão era um chamado para que o sol aparecesse, uma vez que os seus corpos tinham urgência do seu calor: “O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofar acumuladas nas tinas e nas bacias” (EVARISTO, 2020, p. 49 - 50). Era o trabalho das mãos lavadeiras de sua mãe que o dinheiro para comprar o alimento adentrava a casa da autora. Se o sol não aparecia, não haveria como lavar as roupas dos ricos e, dessa maneira, a comida não adentrava o estômago dos pobres. Conceição diz que, a partir dessa grafia tão

carregada em simbolismo, foi que ela descobriu “a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita” (EVARISTO, 2020, p. 49 - 50).

Depois, a autora vai contar que, embora não tenha tido uma infância rodeada de livros, a literatura sempre a perseguiu. Sua mãe e tia trabalhavam nas casas de grandes escritores mineiros ou de seus familiares e, nos fundos das cozinhas alheias, Conceição começava a sua colheita de palavras (EVARISTO, 2010, p. 15).

Mesmo na sua própria casa, que era vazia de bens materiais, a convivência se dava através das palavras. “Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia”, dizia a escritora (EVARISTO, 2010, p. 15). Na ânsia por essas histórias, Conceição tentava ao máximo absorvê-las não só com os ouvidos, mas com todo o corpo. Seja na hora de dormir, onde ouvia os adultos conversarem, ou nos gritos e chamados das vizinhas que contavam seus causos pela janela, a autora construía as faces dessas personagens da vida real no seu imaginário:

O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor, dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite (EVARISTO, 2020, p. 52)

Mesmo diante da condição de semialfabetização, os livros, revistas e jornais velhos eram interpretados por sua mãe ou tia, até que a medida em que crescia e desenvolvia a aptidão para a leitura, Conceição invertia os papéis, lendo para todos. Aos 11 anos, uma de suas tias se tornou servente da biblioteca pública de Belo Horizonte, na Praça da Liberdade, fazendo dessa “casa-tesouro” a sua mais nova morada (EVARISTO, 2010, p. 15). Na escola, as suas redações eram embebidas de uma “ficção inocente”, uma forma, talvez, de responder às temáticas solicitadas pelas professoras¹ e de viver

¹ “Na escola eu adorava redações do tipo “Onde passei as minhas férias”, ou ainda “Um passeio à fazenda do meu tio”, como também “A festa de meu aniversário”. A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram resolvidas por meio de uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para viver os meus sonhos. Se naquela época eu não tinha nenhuma possibilidade concreta de romper com o círculo de imposições que a vida nos oferecia, nada, porém, freava os meus desejos. Eu menina, dona de uma tenaz esperança e de uma sabedoria precoce,

os próprios sonhos, assuntados pelo íntimo das coisas, das experiências, dos detalhes vividos no cotidiano, recolhendo os “os restos, os pedaços, os vestígios”, pois, através da escrita, havia o “desejo de recuperar o vivido”, eternizando o efêmero (EVARISTO, 2010, p. 16).

Aparece aí, no relato de Conceição, uma das grandes potências da escrita: resistência. A escrita, para a autora, pôde proporcionar uma quebra de barreiras impostas pela sua condição de vida, levando-a lugares outros da imaginação, dando novos sentidos ao cotidiano e à realidade. Nas suas redações, Conceição experimentava os frutos de sua colheita de palavras e ao narrar um conto, acabava por elaborar um ponto da sua vida:

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava essas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se, inconscientemente, desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra (EVARISTO, 2020, p. 53)

Na década de 1970, ao mesmo tempo em que terminava o curso normal no Instituto de Educação de Minas Gerais, operava em Belo Horizonte um plano de desfavelamento que acabou levando muitas famílias que moravam no centro da cidade a procurarem lugar nas periferias. Conceição conta que foi um período extremamente difícil para sua família e, na impossibilidade de exercer o magistério na sua cidade natal, migrou-se para o Rio de Janeiro (EVARISTO, 2010, p. 15). No Rio, graduou-se em Letras pela UFRJ e trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. Em 1996 conquistou o título de Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio de Janeiro e depois de Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Ao mesmo tempo, Conceição foi participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra no Brasil (LITERAFRO, 2022).

reconhecia que a vida não poderia ser somente aquele pouco que nos era oferecido” (EVARISTO, 2010, p. 15 - 16).

Conceição Evaristo estreou na literatura em 1990 através da série “Cadernos Negros” junto de outras escritoras e escritores negros, publicando seus poemas e contos. Muitos de seus textos foram traduzidos para outras línguas e circulam o mundo e a autora sempre se colocou enquanto uma contadora de histórias da vida real, relacionando a sua própria história no meio de tantas outras que ela parava para ouvir, observar e recontar (LITERAFRO, 2022). Retomando à imagem do desenho-grafia de sua mãe, Conceição se indaga sobre o motivo pelo qual muitas mulheres em situação de subalternidade, frequentemente nascidas e criadas em ambientes não letrados, rompem com a passividade da leitura e acabam buscando o movimento da escrita (EVARISTO, 2020, p. 53 - 54). Na tentativa de responder à essa pergunta, recuperando o seu próprio processo, a autora arrisca dizer que talvez essas mulheres “tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida”, funcionando - inclusive - como um ato de (r)existência:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (EVARISTO, 2020, p. 53 - 54)

E das águas turvas e cristalinas da experiência de viver, que a palavra “Escrevivência” surge na trajetória da autora. Marcadas por uma história de escravização e subalternização, a população negra sofre com os efeitos do racismo estrutural e, sobretudo as mulheres negras, com a constituição patriarcal neo-liberal da nossa nação nos mais simples afazeres e transitoriedades do cotidiano. Nesse movimento de recuperar o que se foi e de inventar novos caminhos, na construção de narrativas outras, que a escrita (a escrita de si e de um povo) emerge enquanto uma possibilidade de resistência para além daquilo que lhes é imposto.

Termino esta parte do capítulo, profundamente cavucado² pelas palavras e história de Conceição Evaristo. Parafraçando a autora, o estado de cavucamento se apresenta para mim na confusão do eu-agora com a minha própria história, atrelada ao espelhamento que a autora me proporcionou com as suas palavras: “Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se (con)fundem, sigo eu nessa escrevivência” (EVARISTO, 2010, p. 17).

3.2. Escrevivência: uma interrogação que amplia os sentidos de sua construção

*eu leio a poeta
como quem come um prato quente
com calma engulo suas poemas
me queimo
a língua
o corpo inteiro
suas poemas-brasas
me deixam em vermelho-vivo
escorre entre as pernas
o sangue
o gozo
de se parir
uma poema
também*

Poema de Mika Andrade
(ALENCAR, 2021)

² Segundo o dicionário online Michaelis, o verbo “cavucar”, significa no sentido literal, “o ato de revolver ou escavar a terra” (CAVUCAR, 2022). No sentido figurado, essa palavra traz o sentido de “lutar arduamente pela sobrevivência, de trabalhar duro” (CAVUCAR, 2022). Para mim, cavucar a terra é uma busca voraz de algo que está enterrado. Num ato que por vezes chega a ser violento, reviramos a terra de forma irregular.

A escrevivência antes de mais nada é interrogação. É uma busca subjetiva que intersecciona raça, gênero e classe, num movimento de inserção de um corpo, de uma existência, no mundo. É um entrelaçamento de sentidos geradores que buscam, num movimento enunciativo, apontar um profundo incômodo com o estado das coisas. Na colheita de histórias-vida, a escrevivência se amplia, se aprofunda e não se esgota, no sentido de que é uma escrita, por um lado marcada visceralmente por uma subjetividade pulsante e que deseja recuperar a sua voz, por outro lado abarca toda uma história coletiva que cavuca o sono inglório da opressão (EVARISTO, 2020; FONSECA, 2020; ALENCAR, 2021).

Conceição Evaristo, ao pensar a escrevivência como um “fenômeno diaspórico universal”, retoma a figura da Mãe Preta, “aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora” (EVARISTO, 2020, p. 29). Uma das funções da Mãe Preta, tendo o seu corpo cerceado em suas vontades, era a de contar histórias para os filhos dos senhores de escravos dormirem. As mesmas crianças que, ao crescerem, não abririam mão da sua condição de opressor sobre aquela que ninava o sono e a sua descendência. Foi no resgate dessa imagem, que está no núcleo do termo Escrevivência, que Evaristo encontrou a força para tensionar e ampliar os sentidos de sua escrita (EVARISTO, 2020, p. 29 - 30).

Cabe ressaltar que a Escrevivência tem em sua concepção inicial, o ato de escrita de mulheres negras, “como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças” (EVARISTO, 2020, p. 30). É, pois, um movimento de apropriação da letra, da escrita, da voz e da história de um povo engenhoso que teve a sua criatividade escravizada para o deleite dos filhos da casa-grande.

É pelo caráter de denúncia, que o termo se constitui enquanto um ato de resistência e construção de novas narrativas, daí a afirmativa de Evaristo ao recuperar o sentido da experiência, vivida pelos ancestrais de origem africana: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30).

A escrita de Conceição, como vimos anteriormente, é marcada pela historicidade. A autora vai dizer que, na condição de pessoa brasileira de origem africana, a sua experiência de nacionalidade é diferenciada, assim como é distinta a experiência de pessoas indígenas, ciganos, brancos, orientais, etc. Essa vivência diferenciada a conduz na construção de histórias que carrega marcas da história coletiva de uma afro-brasilidade, já que as personagens falam de um “corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (Evaristo, 2005, p. 205). Vivido por uma intersecção de condições que marcam as suas aventuras e desventuras - no caso das personagens da autora, as condições de mulher, negra e periférica - as escrevivências de Conceição Evaristo buscam semantizar um movimento que abriga todas as lutas enfrentadas por essa condição diferenciada de afro-brasilidade.³ Nesse sentido, “toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (Evaristo, 2005, p. 205 - 206).

A escrevivência dessas histórias, contudo, ainda que marcadas por uma afro-brasilidade de mulheres negras, conseguem compor um discurso literário que “abarca um sentido de universalidade humana”, destacando que “experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas” (EVARISTO, 2020, p. 30 - 31).

Ainda pensando no sentido de universalidade humana ao qual a autora se refere, ela continua a sua reflexão acreditando que a humanidade das personagens que ela constrói, em detrimento de outros discursos literários que julgam, culpabilizam ou negam essas existências, é que convocam as mais diferenciadas pessoas na leitura de seus contos:

Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio. E o que falar da solidão e do desejo do encontro? São personagens que experimentam tais condições, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. São personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra

³ Conceição Evaristo vai dizer que essa é uma característica do movimento de escrita de mulheres negras que, na enunciação de sua condição de subalternidade, vai produzindo resistência e fortalecendo um coletivo de existências que reivindicam uma luta pela vida e pela conquista de direitos (EVARISTO, 2005, p.206).

pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença (EVARISTO, 2020, p. 31)

É desse lugar da solidão, a partir dos espaços (físicos ou não) de exclusão que surge o desejo do encontro. A identificação com as Escrevivências de Evaristo parte da experimentação de um sujeito que também vive a exclusão e o sentimento de solidão. Dessa forma, podemos pensar que a Escrevivência se amplia ao amalgamar vida e arte, concebendo escrita e vivência, escrita e experiência, para além de uma condição individual:

Um sujeito gay se vê nesse texto porque, também ele, vive essa experiência de exclusão. Um sujeito pobre tem a mesma identificação com uma personagem que vive a condição de pobreza. Uma mulher que se complicita com as outras se sensibiliza ao ler o conto “Maria” ou Insubmissas lágrimas de mulheres. Assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens (EVARISTO, 2020, p. 32)

A escrevivência parte de um lugar específico, particular, de uma vivência individual e subjetiva, mas que ressoa em vários movimentos de (r)existência coletivos, numa luta pela vida (EVARISTO, 2020, p. 33). Ressalto a importância, porém, de se conceber a Escrevivência enquanto uma reivindicação de uma história, de um lugar, de uma pertença e que não necessariamente se expressará na escrita. Tal como dito anteriormente pela autora, a origem do termo tem em seu núcleo a imagem da Mãe Preta, bem como a Grafia-Desenho de Joana Josefina Evaristo e a própria colheita de palavras das histórias contadas pelas pessoas do entorno de Conceição. Retoma à uma tradição oral ancestral, como citado no primeiro capítulo deste trabalho, tal qual os griots, as escrevivências vão surgindo nessa necessidade de encontro, de ressonância, partindo de um profundo incômodo com o estado das coisas (EVARISTO, 2020, p. 34).

Não só pela escrita se expressará uma escrevivência, mas através de muitas formas de manifestação, sejam elas corporais, imagéticas, musicais ou laborais. Iniciei o capítulo anterior evocando a imagem e a presença de Lia de Itamaracá que, com seu canto e seu corpo, traduz uma escrevivência pernambucana diaspórica, reafirmando o seu lugar de pertença e convocando a todos os que tiverem contato com ela a

recuperar a sua ancestralidade, marcada por uma história de exclusão e opressão. É uma vivência diferenciada, como diz Conceição Evaristo, que vai produzindo cavucamentos nos coletivos por onde Lia de Itamaracá passar.

Nas suas aproximações com Clarice Lispector e Frida Kahlo, Conceição Evaristo vai reivindicar o caráter investigativo, sensível e coletivo do termo *Escrevivência*. Clarice Lispector disse que “escrever é dominar o mundo”, enquanto que Frida pintou a si mesma, a realidade, em suas obras. Conceição, nesse diálogo, responderá à Clarice que para dominar o mundo é preciso antes que se tenha alguma experiência de domínio de algo. Numa experiência em que foi negada, histórica e socialmente, a possibilidade de um povo exercer qualquer tipo de domínio sobre algo material ou até mesmo subjetivo, Evaristo se aproxima de Clarice quando fala da *Escrevivência* enquanto uma maneira de recuperar aquilo que lhe era cerceado, mas se distancia quando entende que o termo se constitui enquanto uma busca pelo entendimento da vida, da existência, como uma pulsação antiga na percepção de um mundo esfacelado desde sempre por uma disputa de forças que acabavam subjugando umas às outras:

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha [...] A minha linguagem literária é fruto da minha subjetividade, que é formada na vivência, na experiência de várias condições. Por isso, digo que a minha subjetividade, a palavra domínio não verbaliza a minha experiência em nada. Eu diria, por exemplo, que a escrita é uma necessidade de apreensão do mundo, mas o mundo que me escapole. Não diria que a escrita é uma possibilidade de domínio. A palavra domínio, para mim, é uma experiência que não coaduna com a minha subjetividade, não venho de uma experiência de domínio de nada (EVARISTO, 2020, p. 35 - 37)

No diálogo com Frida, as linhas de aproximação do pensamento se apresenta no sentido de que a *Escrevivência* é uma escrita subjetiva do sujeito (e da realidade desse sujeito) que a escreve, assim como a pintura de Frida. Contudo, o termo de Conceição se amplia quando, na escrita de si, a pessoa colhe a vida do entorno, a história das pessoas que coexistem na mesma realidade.

Conceição Evaristo afirma que a *Escrevivência* “não é uma escrita narcísica”, pois não é uma escrita que se limita a uma história individual, “que se perde na solidão de Narciso”. “A *Escrevivência* é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso,

pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes” (EVARISTO, 2020, p. 38). O espelho da Escrivivência, portanto, está nas mãos de Oxum⁴ e de Iemanjá⁵, entidades das narrativas míticas africanas que são utilizadas por Evaristo na construção do aparato teórico que visa compreender de forma mais aprofundada os seus textos. No abebé⁶ de Oxum, vislumbramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade, “que as culturas colonizadoras tentaram mutilar”. Oxum é aquela que nos dá a vida, pois nos coloca dentro de seu ventre para renascermos. Ela vira o seu abebé para nós para que possamos enxergar o valor que carregamos. Oxum é a força que revela os tesouros que possuímos dentro de nós (EVARISTO, 2020, p. 38 -39).

Depois de recuperarmos a nossa subjetividade, tão própria e singular a cada Ori⁷, através do abebé de Oxum, está na hora de vislumbrarmos os reflexos do abebé de Iemanjá, que nos “revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos” (EVARISTO, 2020, p. 38 - 39).

Iemanjá é aquela que nos mostra que não estamos sozinhos, é cultuada como a mãe dos Oris e rege toda a parte psicológica do ser humano. Há um ìtán⁸ de Iemanjá que a minha ìyálórìṣà⁹ sempre conta no terreiro que diz o seguinte:

Iemanjá, ao fugir de seu marido que a maltratava, se refugia no fundo do mar. Furioso, o ex-marido de Iemanjá, sabendo que ela não tinha guardas, declara guerra à

⁴ Oxum é uma Orixá cultuada nas religiões de matriz africana como aquela que traz fertilidade, amor e fecundidade. É a Orixá da prosperidade e da sexualidade, a mãe que guarda os mistérios da vida no seu útero e que nos convida a adentrá-lo para renascermos de nós mesmos.

⁵ Iemanjá é também uma Orixá cultuada nas religiões de matriz africana, muito conhecida popularmente no Brasil como a rainha dos mares. É aquela que traz criatividade e a necessidade de se valorizar a vida, é considerada a mãe do psicológico por reger a inteligência e a criatividade do ser humano na lida com os desafios da vida.

⁶ Abebé é o espelho carregado pelos Orixás. Cada Orixá possui um atributo e, dessa maneira, cada abebé corresponderá ao atributo desses Orixás. Por exemplo, Oxum carrega o atributo do amor e nos provoca a nos aceitarmos e a nos amarmos com o seu espelho.

⁷ Ori significa literalmente “Cabeça”, é o Orixá pessoal que carrega todo o conhecimento da existência individualizada de cada pessoa. É um conceito metafísico e mitológico iorubá que traz em sua complexidade a história individual e subjetiva de cada ser humano. Cada um é dono da sua própria cabeça, já dizia o ditado, cada um é dono do seu próprio Ori.

⁸ ìtán são os relatos míticos (lendas) da cultura iorubá.

⁹ ìyálórìṣà é o nome iorubá destinado às sacerdotisas dos Orixás. No Brasil as conhecemos como “Mães de Santo”.

ex-esposa e envia seus guerreiros para capturá-la. Ao saber disso, a Orixá começa a pensar em como poderia se proteger até que tem a ideia de utilizar um artefato pouco conhecido na época: o espelho. Iemanjá enche a beira do mar com espelhos de tudo quanto é tipo e espera à frente deles com a espada em punho os inimigos chegarem. Quando os soldados do ex-marido de Iemanjá, que era rei, chegam, eles se deparam com os seus reflexos distorcidos nos espelhos e fogem assustados dizendo que Iemanjá não está mais sozinha e que possui um exército de criaturas horríveis. É assim que ela vence a guerra, mostrando a imagem de seus inimigos a eles próprios, tamanha inteligência e criatividade que carregava, sem derramar uma única gota de sangue.

Aprendi com a minha Iyá que todos os Orixás são guerreiros. Todos carregam consigo uma ferramenta que simboliza uma arma, porque eles representam a necessidade de lutar pela nossa própria existência e de lutar pela nossa vida. E não é isso que Conceição Evaristo, por meio da Escrevivência, nos convida a fazer também?

Escrever significa adentrar os mistérios contidos no útero da Oxum por meio de seu abebé, nadar em suas águas subjetivas e renascer para o mundo através do abebé de Iemanjá, lutando com inteligência, através de nossa potência coletiva. Esse itán de Iemanjá para mim representa muito o percurso da escrita deste capítulo, mesmo que estivesse sozinha, Iemanjá lutou contra aqueles que a oprimiam, utilizando a sua inteligência para expor a imagem nefastas daqueles que a perseguiam. Com coragem, ela lutou por sua vida, sem necessidade de domínio, de subjugação, mas com a utilização criativa das ferramentas que temos no nosso cotidiano. Isso, para mim, é escrevivência.

Pensando nisso, recordo-me da música “Povoada”¹⁰ de Sued Nunes. Na canção-manifesto, a cantora reitera que somos terra povoada e que, embora pareçamos estar sozinhos, temos em nós mais de muitos que nos carregam em seus ombros. Sued Nunes, no início da música irá dizer: “Ei, povoada é um nome curioso, né? Porque a gente sempre fala de povoada em relação à terra, né? Terra é povoada. Mas, também sou terra. A gente também é terra de povoar” (NUNES, 2021). E

¹⁰ Letra da música: Povoada/ Quem falou que eu ando só?/ Nessa terra, nesse chão de meu Deus/ Sou uma mas não sou só/ Povoada/ Quem falou que eu ando só?/ Tenho em mim mais de muitos/ Sou uma mas não sou só (NUNES, 2021).

enquanto somos terra de povoar, o movimento banzeiro (CARDOSO; COIMBRA, 2019) das Escrevivências de Conceição Evaristo nos provocar a cavucar a própria lama, buscar os tesouros ancestrais ali enterrados e fertilizar essa solo para que a vida/existência possa germinar.

Ainda no percurso das aproximações, Evaristo traz a figura de Glória Anzaldúa, escritora norte-americana, de origem mexicana, que no exercício de sua escrita se aproxima intimamente dos subtextos da Escrevivência:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000 apud EVARISTO, 2020, p. 36)

Conceição Evaristo terá nos textos de Glória Anzaldúa uma proximidade que, segundo a autora, lhe “oferece um lugar de parentesco”, isso porque os textos literários de Evaristo carregam uma crítica muito bem pensada, inclusive na escolha das palavras utilizadas. Para a Conceição, não há separação de sua subjetividade enquanto cidadã negra, brasileira, viúva, mãe de Ainá, da subjetividade da escritora. Toda a sua vivência escorre para o seu texto, contaminando-o com uma oralidade que é profundamente marcada pela sua subjetividade que foi forjada ao longo da vida. A autora reforça, inclusive, que a sua escrita não é inocente e, tal como o faz Anzaldúa, escreve para aplacar a sua fome de vida, num movimento que recupera as suas experiências e as coloca em evidência (EVARISTO, 2020, p. 41 - 42).

Dito isso, recupero a poesia que foi escrita no início deste trecho da pesquisa. Mika Andrade, uma poeta que inspirou o trabalho de Claudiana Alencar sobre as gramáticas culturais presentes nas coletivas de poetisas periféricas, ao ler uma poesia sente o corpo inteiro ser invadido pelo que ela chamou de “poema-braza” que a deixam em vermelho vivo, provocando a liberação do sangue, do gozo de se parir uma poema também. A relação entre a escrita de uma pessoa com os efeitos que essa produção causa na

minha própria subjetividade é muito bem descrita pela poeta Mika Andrade, que vai, de alguma maneira, ampliando os subtextos do conceito de Escrevivência.

Conceição Evaristo, ao se retratar das meninas do Slam de Belo Horizonte chamadas de “Pretas Poetas”, também vai dizer que mesmo no jogo do “aqui e agora” produzido pelo espaço do Slam, o discurso literário ali presente traz uma memória antiga que também se inspira no cotidiano, alinhando muitas vozes que se interseccionam na voz da poeta que está expressando a si mesma e, por conseguinte, a história de um povo nos seus poemas. Para Evaristo, isso também é uma Escrevivência (EVARISTO, 2020, p. 44).

Os movimentos culturais têm provocado as sociedades a colocarem o dedo na ferida e discutir determinadas questões. Nesse sentido, a escrevivência vai se constituindo enquanto um termo-conceito que legitima a construção de estratégias que furam o cerco da intolerância e da repressão. Fonseca (2020) ao traçar um paralelo do termo postulado por Conceição Evaristo com Deleuze e Guattari, vai apontar que literaturas escrevíveis nascem de um terreno minado por violência e segregação, adquirindo um valor coletivo de luta política e por existência (p. 63).

São histórias, portanto, de sobreviventes de processos de desumanização que passam a adotar “uma atitude política que se concretiza na maneira como sua escrita literária procura vasculhar as vidas dos que lutam por sobreviver em condições intensamente desfavoráveis” (FONSECA, 2020, p. 63):

Como se pode perceber, o termo “escrevivência”, discutido pela própria escritora, desde 1995, que o define como uma feição de sua escrita literária, aos poucos se transforma em uma potência signífica capaz de balançar os alicerces de uma ordem literária instituída. O termo, ao longo da discussão encaminhada sobre ele, passa a significar a expressão de uma subjetividade negra feminina que tanto pode valer-se de estratégias discursivas próprias à revelação de um eu negro, quanto anunciar uma voz coletiva que assume as experiências femininas negras. Ao longo de sua discussão, o termo vem sendo retomado com base em ângulos de visão e pontos de vista que remetem à etnia e ao gênero. Escrevivência torna-se uma estratégia escritural que almeja dar corporeidade a vivências inscritas na oralidade ou a experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita literária (FONSECA, 2020, p. 64 - 65)

A partir dessa percepção, poderíamos dizer que as Escrevivências vão assumindo os contornos de um conceito, isto é, de uma visada crítica que estende-se para além da literatura produzida por populações em condição de subalternidade, mas que tem

em sua origem, as experiências vividas por “um corpo-mulher-negra em vivência” que vão tecendo os fios de uma história de resistência e luta pela sua própria condição de existência (FONSECA, 2020, p. 64 - 71):

A partir de uma escrita (des)construída (ou sangrada) ao redor de vidas subalternizadas, invisibilizadas e costuradas com “fios de ferro”, Evaristo demonstra ao que se propõe a “escrevivência”, em suas dimensões que extrapolam o aspecto estritamente ficcional, consubstanciando-se em uma poética do que vive e reivindica a vi(n)da justiça (PIMENTA et al, 2021, p. 259).

Na interlocução dos pensamentos de Pimenta (2021) et al e de Fonseca (2020), vou incorporando um elemento muito importante nos subtextos das Escrevivências: o caráter de promoção de saúde. Escrevivência é uma interrogação que amplia as barreiras impostas por um modo de sobreviver, e devolve à pessoa a sua condição de sujeito, ela também é promotora de saúde, uma vez que a nossa concepção de saúde, extrapola o corpo biológico e compreende também as questões psíquicas, emocionais, espirituais e existenciais.

4. Revisão sistemática da literatura acadêmica escrevente

Nesta pesquisa de cunho bibliográfico, busquei em diferentes autoras e autores a utilização desse modo de enxergar o mundo, através da Escrevivência, uma maneira de promover saúde e assumir um caráter de resistência a uma realidade imposta sobre corpos subalternizados através da criação de outras narrativas que denunciam a objetificação violenta nas formas de opressão dessas existências e, ao mesmo tempo, celebram a anunciação de um modelo ético-estético-político de (r)existência (PIMENTA et al, 2021, p. 258)!

Assim como as autoras Pimenta et al (2021) e Grada Kilomba (2019), entendo também que a escrita é um movimento político de resistência que me distancia da condição de objeto, fruto de um ato colonizador de nossos corpos, história e subjetividade. Além disso, parafraseando Cremilda Medina (2020), “a narrativa expressa a necessidade de reagir ao caos da história, criando um cosmo simbólico [...] A autoria da narrativa organiza e atribui significados ao acontecer cotidiano ou aos fatos extraordinários”.

Dessa forma, busquei no conceito postulado pela Conceição Evaristo sobre “Escrevivência”, uma maneira de recuperar o sentido do meu saber-fazer em psicologia. Li e reli artigos científicos que tinham como lócus de compreensão o conceito da autora, enquanto uma visada crítica na compreensão de fenômenos que impactam as subjetividades de populações dissidentes, tais como a população Negra, Indígena, LGBTQIAP+, etc.

Nesta direção e frente a estes objetivos, realizei o levantamento de artigos em três bancos de dados: SciELO (Scientific Eletronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Como estratégia de busca, utilizei inicialmente as palavras-chave “Escrevivência”, “Conceição Evaristo”, “Psicologia e Escrevivência” e “Psicologia e Conceição Evaristo”. Foram levantados 40 artigos através desses descritores nos três bancos de dados.

Tabela 1 - Apresentação de Trabalhos por Descritores de Busca em cada Base de Dados

Base de Dados	Descritores de Busca			
	Escrevivência	Conceição Evaristo	Psicologia e Escrevivência	Psicologia e Conceição Evaristo
LILACS	03	06	01	04
SciELO	07	11	01	0
PEPSIC	0	04	0	03
Total por Descritores	10	21	2	7
Total de Trabalhos Localizados			40	

Após esse primeiro levantamento, realizei a primeira leitura dos resumos do total de artigos localizados, tendo excluído artigos por repetição (18), artigos que versaram sobre o conceito de Escrevivência da Conceição Evaristo e artigos que utilizam a

Escrevivência como método de pesquisa/intervenção (14). Os artigos que não entraram para essa pesquisa realizaram, prioritariamente, uma análise sobre as obras da autora. Embora estas análises, de alguma maneira, poderiam ser utilizadas como uma compreensão das realidades escritas pela Conceição Evaristo, considerando o objetivo específico desta pesquisa, priorizei enquanto critério de inclusão os artigos que trouxeram um relato de experiência da utilização prática da Escrevivência enquanto um conceito teórico-prático na compreensão dos fenômenos estudados. Em outras palavras, artigos que utilizaram a escrita do cotidiano como uma visada crítica na compreensão de fenômenos que impactam as subjetividades de populações dissidentes, tais como a população Negra, Indígena, LGBTQIAP+, entre outras (8).

Tabela 2 - Apresentação de Artigos Declinados e Selecionados para a Pesquisa

Artigos Declinados por Repetição	Artigos Declinados por Critérios de Exclusão	Artigos Lidos na íntegra
18	15	07

Os objetivos gerais e específico desta pesquisa, portanto, foram se misturando com as escritas feitas a “fios de ferro” dessas autoras e autores que, na brasa de suas experiências, sempre marcadas por um corpo-território e histórico, vão trocando as nossas lentes na compreensão do mundo. Os artigos lidos na íntegra foram descritos em seu conteúdo e meu trabalho de análise do corpus selecionado consistiu em traçar algumas linhas de sentido entre esses autores, buscando compreender o quanto o conceito de Escrevivência pode se tornar uma visada crítica para a psicologia.

5. O fogo que alimenta a nossa ação

Não sei se por estar trabalhando em texto os programas que faço (e com isso forçando uma reflexão), ou se é por a coisa ser violenta mesmo e eu só aos poucos estar me dando conta disso, a questão é que cada vez mais, cada novo cliente que me aparece, a experiência da rua se torna mais parecida com uma experiência de abuso, violência... se a camisinha arrebenta e o cliente tenta continuar mesmo assim (fico pensando até se ele não fez com que ela arrebentasse de propósito), se percebo ele tentando inclusive começar a transa sem camisinha ou querendo pagar pra fazer no pelo, forçando a barra para que eu faça coisas que não estavam no script, as violências verbais todas, as falas a respeito da esposa, tudo tem transformado radicalmente a imagem que eu fazia da prostituição. Se no começo havia algo de prazer, dada a carência própria em que eu me via (carência que ainda está aqui firme e forte), agora o que mais sinto lá é dor... e aí quando volto pro meu outro mundinho, esse da faculdade, das pessoas supostamente inteligentonas, encontro as mesmas escrotices de sempre, só que feitas de maneira sutil. Sei lá, tá difícil lidar com tudo isso sem estabelecer uma ligação muito direta entre o que é ser homem e o que é violentar... talvez até por isso estou fazendo o meu melhor pra transformar radicalmente a pessoa que sou, pois o homem que fui também era escroto sem saber e nem ao menos ele/eu se importou em querer se dar conta disso.

Trecho extraído do capítulo “As Omices dos Ômis”, do livro “E se eu fosse Puta”, por Amara Moira (2016).

No trecho acima, encontramos o relato de Amara Moira, travesti, doutora em crítica literária pela Unicamp, professora, profissional do sexo e autointitulada putafeminista. Na tentativa de compreender o que estava vivendo na época da sua graduação, Amara Moira começa a rascunhar alguns textos sobre a sua experiência na prostituição:

Sentada no ônibus a caminho de casa, quase madrugada, noite vazia e fria, celular em mãos, é assim que ganham corpo meus relatos, é assim que ganham cor, ganham vida. O que acabei de viver, tudo ainda fresco na memória, a maquiagem borrada, gosto de camisinha na boca, o cheiro do cliente em meu rosto não importa o que eu faça, o seu cheiro de homem já tão diferente do meu – serão os hormônios? Palavras-chave marcantes vindo à tona assim que me ponho a escrever, dentes, línguas, dedos, lábios, uma puxando a outra meio que naturalmente, o texto saindo do encontro delas mas também desde antes, desde eu já na rua tramando amores, namorando olhares: travesti que se descobre escritora ao tentar ser puta e puta ao bancar a escritora (MOIRA, 2016, p. 19).

Lembro-me de ler o livro da Amara nos meus deslocamentos pela cidade e de me deparar com um misto de sensações ao perceber as suas palavras entrando suadas,

gozadas, sangradas, lambuzadas e aquendadas para dentro de mim. Ainda estava no processo doloroso de entender os motivos pelos quais eu não conseguia avançar no meu TCC. Antes de chegar a esse trabalho que você está lendo, eu tive três tentativas prévias, com temáticas diferentes (mas que tinham o mesmo sentido), mas que foram se modificando ao longo do caminho. Uma dessas tentativas se constituiu na proposta de analisar as narrativas produzidas por um grupo de idosas (a sua maioria de classe média alta e brancas) numa oficina de narrativas chamada “Memórias Lúdicas”, oferecida pelo Espaço Longeiver. Eu lia os seus textos, mas não conseguia me identificar, não conseguia encontrar o sentido necessário para a produção dessa pesquisa (e para a produção de quem eu sou também). Talvez pela distância de idade, talvez pela distância de classe econômica, talvez pela falta de familiaridade com os contextos presentes nas narrativas que, em sua maioria, rememoravam viagens pela Europa, lugar que nunca tive a oportunidade de conhecer.

Por outro lado, as narrativas da Amara, mesmo que dentro de um contexto de prostituição e da vivência trans, me provocavam de tal maneira que, mais uma vez, via tudo aquilo que levei meses para produzir naquele trabalho de Conclusão de Curso ser arrastado pelo vento, enquanto ficava amarrado pelas cordas do Pajubá¹¹ na pedra da minha própria existência enquanto homem gay, pobre e que tinha na memória as narrativas de minhas avós, tão diferente daquelas que eu lia para produzir essa escrita.

E foi por aí mesmo, nesse caminho de terra batida, que eu comecei a dar os primeiros passos. Comecei a olhar para a realidade que despontava sobre mim e entendi que, se quisesse enxergar direito aquilo que me cavucava, eu precisaria trocar as lentes dos meus óculos¹². Então eu coloquei uma lente que me fosse confortável,

¹¹ Pajubá é uma linguagem criada pela comunidade LGBTQIAP+. Essa linguagem, construída através dos anos, é uma mescla das línguas nagô, iorubá e português e se constitui enquanto um movimento identitário de resistência e pertencimento da comunidade LGBTQIAP+. A drag queen Lorelay Fox, em um vídeo sobre o Pajubá no seu canal do youtube (2020), vai dizer que a inserção de palavras oriundas dos grupos étnicos africanos dentro do Pajubá se dá pela receptividade das religiões de matriz africana no Brasil à comunidade LGBTQIAP+ dentro de seus cultos. Além disso, a drag queen ressalta que, durante a Ditadura Militar, o uso do Pajubá foi muito utilizado enquanto um movimento de defesa e resistência num momento em que o país estava operando um silenciamento dos movimentos contra hegemônicos (FOX, 2020).

¹² Aproveito esse espaço para agradecer às professoras Cris Fernandez Andrada e Helena Lyrio-Carvalho que em suas aulas trouxeram essa expressão. À Helena por nos incentivar a colocar uma lente mais confortável aos nossos olhos, para que pudéssemos enxergar o mundo. À Cris, por nos provocar a mudar as nossas lentes, buscando outras perspectivas que, de maneira crítica, nos

que vestia bem aos meus olhos, mas que também me possibilitava ver além daquilo que eu estava acostumado a enxergar. Eu coloquei a lente das Escrevivências.

Desse modo, as narrativas da Amara Moira, de minhas avós, da minha Mãe de Santo, das pessoas em situação de rua que eu atendia no meu estágio, e tantas outras que tive a oportunidade de ler e escutar, começavam a se apresentar para mim enquanto uma produção escreviente. E a cada escrevivência que eu lia-via-incorporava, era como um combustível que alimentava algo dentro mim, uma centelha que produzia deslocamentos e ardia feito fogo. Eu estava (e ainda estou) entrando em contato com o fogo que alimenta a minha ação.

Assim cheguei a esse Trabalho de Conclusão de Curso, assim cheguei a esse capítulo. Depois de recuperar o meu fôlego através dos novos ares que o vento soprava, restaurar as minhas origens e aterrar a minha ancestralidade para que as águas de Conceição Evaristo pudessem fluir sobre mim, chegou o momento de acender o fogo que alimenta a minha ação. Esse movimento descolonizador, que tive a honra de aprender com a Vanessa Rosa¹³ numa oficina, foi o catalisador para que eu cavucasse na literatura acadêmica histórias escrevientes.

Todos conhecem o ditado “Quem conta um conto, aumenta um ponto”, não é? Quem nunca ouviu uma história e a recontou para outras pessoas? E quem tem ouvido apurado, sabe que nesse disse-me-disse, as coisas podem aumentar, diminuir, deslocar e se firmar! A narrativa é uma tecnologia ancestral que tem a oportunidade de renascer a cada vez que se fecunda num corpo novo. Como vimos anteriormente, a arte de narrar histórias é uma condição humana de existência e organização política, emocional, social, espiritual, laboral... A minha proposta, portanto, é narrar um conto que já foi contado, recontado e agora escrito. Todos eles precisaram entrar em mim, através dos meus olhos-abebé de Oxum para que pudessem sair de uma outra maneira nessa escrita-abebé de lemanjá.

possibilitavam entrar em contato com os fenômenos em suas mais diversas camadas, relevos, texturas, sabores, cheiros e profundidades!

¹³ Vanessa Rosa é artista do riso, educadora, atriz, palhaça e produtora. É matrigestora do projeto “Terreiros do Riso” que se constitui enquanto um espaço de criação e vivências em artes, guiado pela Alegria como fundamento-ético, o riso e as comichadas negras, afro-indígenas e os saberes das favelas. O “Terreiros do Riso” visa à celebração, o riso em ritualística e rebeldia numa ética do não esquecimento, desenvolvendo diversas atividades relacionadas ao universo do humor, dos afetos e de práticas de saberes ancestrais e que tem Exu como aquele quem guia os seus fundamentos epistemológicos e filosóficos. “Láròyé Mo Júbà: O Riso Pede Passagem!!!” (ROSA, Online).

Para a produção desse trabalho, eu recuperei 7 escritas acadêmicas escritas, publicadas entre 2017 a 2022, apesar de eu não ter delimitado o ano de suas publicações em minha pesquisa. Cabe ressaltar que o maior número de publicações desses artigos se deu em 2021, no auge da pandemia provocada pelo coronavírus. Aponto, ainda, que 5 destas pesquisas foram publicadas em revistas de psicologia, enquanto que 1 pesquisa foi publicada em revista de linguística aplicada e o outro artigo numa revista de questões ambientais e das ciências sociais com foco interdisciplinar.

São números pequenos considerando a quantidade de artigos publicados todos os anos pelas mesmas revistas. A utilização da Escrivência enquanto uma visada crítica para os fenômenos cotidianos, sobretudo para a psicologia, ainda é muito incipiente. Isso pode estar muito relacionado ao modo como fomos ensinados a realizar pesquisa, viciando os nossos olhares num modelo estético-objetivo que se apresenta de maneira fria perante à vida que se apresenta sobre essa Terra. Mesmo que caminhando devagar, as escritas que já ocupam o seu lugar nas produções ditas intelectuais reivindicam o calor do encontro e das produções ribeirnhadas (CARDOSO; COIMBRA, 2019).

E por falar em ribeirnhar, dou continuidade a essa jornada em busca do fogo que alimenta a nossa ação com a escritas de Áurea Alves Cardoso e Cecília Maria Bouças Coimbra, ambas autoras do artigo “Banzeirar: fazendo ribeirnhar certas práticas ditas de cuidado”, publicado em 2019 pela revista de psicologia “Fractal”.

O artigo é uma produção realizada a partir da dissertação de mestrado da psicóloga Áurea Alves Cardoso, mulher ribeirnhinha que nasceu e cresceu na região onde aconteceu a Guerrilha do Araguaia. Mobilizadas pelos incômodos produzidos com “certas práticas ditas de cuidado” disseminadas pelo campo do saber da psicologia, as autoras recuperaram o contexto histórico-social que a psicologia foi se constituindo enquanto ciência e profissão no Brasil.

Tendo como viés epistemológico os saberes nortistas, ribeirnhos, pretos e indígenas amazônicos, as autoras partem da vivência enquanto sobreviventes da Guerrilha do Araguaia e ensaiam, junto aos saberes tradicionais, um modo de produção textual escritante:

Antes mesmo de ser apresentada à noção de Escrivência, de Conceição Evaristo, já estávamos afirmando-a nas linhas em desalinho da dissertação. Tomá-la enquanto ferramenta foi libertador! Foi um processo de dar contorno à intuição ancestral que ensaiávamos; de perceber que eu não estava só, que estávamos fazendo parte de um processo coletivo e que começou há muito tempo, qual seja o de estilhaçar as máscaras de silêncio implantadas nas Anastácias com fins a impedi-las de evidenciar as forças e práticas que as exploram, assujeitam e exterminam. Ao privilegiar uma literatura que diz do modo de seus ancestrais transmitirem conhecimento adquirido na/ pela vivência cotidiana, ela cria o termo Escrivência. Essa expressão ganha corpo de conceito que vem a ser a nomeação desse costume ancestral de ensinar. A escrita feita por ela – mulher negra, pobre – é de autorização do texto da própria vida, de seus ancestrais e de sua gente. (CARDOSO; COIMBRA, 2019, p.189).

Tendo como uma categoria importante de análise os efeitos do racismo institucional enraizado na nossa sociedade, as autoras experimentaram o “fazer banzeirar”, isto é, o “desacomodar como um rio agitado por pequenas, porém intensas ondas, fazendo ecoar ali múltiplas vozes que são, geralmente, consideradas sujas para modos hegemônicos positivistas”, priorizando os saberes que vão sendo negligenciados “em nome de um projeto maior de dominação” (CARDOSO; COIMBRA, 2019, p.185).

Na imagem de Anastácia com a máscara de silenciamento que lhe foi imposta, Áurea e Cecília tecem considerações acerca do epistemicídio dos saberes tradicionais dos povos indígenas, negros e caribenhos como uma prática de extermínio de suas subjetividades. O epistemicídio seria, portanto, um ranço da escravização que, na sua lógica de dominação, exterminou as populações fisicamente através da espada, depois na tentativa de branqueamento da sociedade com a mestiçagem e agora (e desde sempre), extermina as noções ancestrais de pertencimento e identidade através do encarceramento, da marginalização, da pobreza, do enlouquecimento, da precarização e da criminalização.

Se a dominação pelo genocídio físico foi/é terrível para populações indígenas e negras no Brasil, a dominação pelo epistemicídio foi/é amplamente nefasta, pois buscou/a retirar o entendimento do que essas populações são capazes de pensar e de criar. Como incapazes de protagonismos, seu destino seria a sujeição/subalternidade [...] Assim, cabe-nos aqui problematizar: que vidas servem e “merecem” viver no sistema capitalista brasileiro com ranços coloniais? Na mesma medida, que vidas são marcadas para morrer? [...] O que poderia se produzir em espaços considerados marginais? O que se poderia esperar de uma gente aparentemente fadada ao mutismo e ao alheamento de si e do mundo? O que poderia brotar de versões que se tentou cuidadosamente calar? (CARDOSO; COIMBRA, 2019, p. 187 - 189).

É através desses questionamentos, plantando o pé no chão da nossa história, que as autoras, ambas psicólogas, começam a localizar a/s psicologia/s dentro dessa estrutura ao qual ela está inserida. Historicizar as práticas psis e a regulamentação dessa profissão no Brasil, entendendo onde, quando e como a/s psicologia/s contribuíram para a manutenção dessa lógica colonial de dominação; e também recuperar e exaltar as práticas contra-hegemônicas de cuidado que nascem do encontro com os saberes tradicionais é ribeirinhar/racializar a discussão (CARDOSO; COIMBRA, 2019, p.188).

Sued Nunes, em sua música “Travessia¹⁴” (2021), diz que “tem quem se descalce pra se plantar”, num movimento de recuperar a história que lhes foi roubada. E continua “eu vim de lá, me tiraram de casa. Mas tô aqui e eu vou cantar pra retornar” (NUNES, 2021). Segundo as autoras Áurea e Cecília, ribeirinhar significa “colocar os pés no chão da história cuidadosamente empurrada para a margem” (p. 192). Assim como Sued Nunes canta na música, as psicólogas apostam na necessidade de descalçarmos os nossos sapatos e plantarmos os pés no chão dessas histórias, buscando alinhar práticas de cuidado que valorizem as narrativas e vivências daqueles historicamente minorizados, para que ocupem os espaços não apenas como testemunhas, mas enquanto sobreviventes e protagonistas.

É preciso fazer banzeirar os modos hegemônicos da produção do cuidado, provocando esse lago incauto e paralisante com os movimentos das ondas desnaturalizantes e aquilombadas (DAVID, 2018). É preciso encorajar Escrevivências que, segundo as autoras, se configuram enquanto “processos de ruptura com crenças racistas de que certas populações são incapazes de pensar, de criar e de autorizar o texto da própria vida por meio da escrita” (p. 192):

Nesse sentido, repudiamos práticas que sequestram saberes ao passo que silenciam protagonismos e protagonistas, descartando a presença de seus corpos nos espaços em que dizem dar-lhes voz; que as práticas ditas de cuidado tenham como atores também aqueles para cuja política é pensada; que partam da noção de mundo que esses povos querem construir, valorizando as noções de cuidado e os seus saberes históricos e ancestrais; que sejam práticas a serviço do bem-viver de nossos povos e não de ideais colonizadores de expropriação, cujos rastros são buracos, poluição e morte; que, em hipótese

¹⁴ Letra da Música “Travessia”, por Sued Nunes: Tem quem dê a bença/ Tem quem bata a cabeça/ Tem quem descalce pra se plantar/ Eu vim de lá/ Me tiraram de casa/ Mas tô aqui/ E eu vou cantar pra retornar/ Tem quem dê a bença/ Tem quem bata a cabeça/ Tem quem descalce pra se plantar/ Eu vim de lá/ Me tiraram de casa/ Mas tô aqui/ E eu vou cantar pra retornar (NUNES, 2021).

alguma, prescindam dos corpos/ visões indígenas, pretos, afroindígenas e ribeirinhos no processo de pensar e efetivar ações que visem ao cuidado da população, caso contrário, pode-se estar contribuindo para a perpetuação de práticas racistas genocidas. (CARDOSO; COIMBRA, 2019, p. 192).

A partir daí, para pensar em práticas na área da psicologia que sejam contra-hegemônicas, é necessário ribeirinhar esses saberes, fazendo o caminho de volta e se reconectar com os modos de existência na vida. Segundo a própria Áurea (p. 192), é preciso romper com as sensações de desconexão com o funcionamento dos espaços que ocupamos, quebrar com as produções generalizantes e genocidas e recuperar os saberes que estão no corpo, na terra, na fala que fora silenciada, nos territórios de pertença e resistência, na chama da história que arde sob a nossa ancestralidade. E quando paramos para ouvir os sussurros daqueles que gritam sobre os túmulos construídos para silenciar, uma explosão de sentidos jorra das brechas cavucadas por nossas unhas, dentes e, sobretudo, pelo nosso toque:

Fui sentindo aos poucos que, naquele momento, sentada ou deitada no chão embaixo das árvores, tocando e sendo tocada pelas mãos que queriam cuidar/ acolher, eu poderia começar a me colocar. Ao chão fui acolhida pela mãe-terra, pelas mãos e ouvidos atentos dos colegas. Quiseram saber de nossa história, de nossos atravessamentos pela Guerrilha. Conte! Ouviram! Falaram. Por meio de uma escrita feita na margem e pela margem, remando rio acima fui marcando no papel a nossa Escrevivência. Ela tem cheiro, cores, textura e transpira. (CARDOSO; COIMBRA, 2019, p. 192).

E banzeirando nessas produções escrevíveis, saindo do Rio de Janeiro chegamos até a escrita de Lissandra Vieira Soares e Paula Sandrine Machado no Rio Grande do Sul que se utilizam das Escrevivências enquanto uma ferramenta metodológica na produção do conhecimento em Psicologia Social.

Com o artigo publicado em 2017 pela revista “Psicologia Política”, também fruto da dissertação de Mestrado em Psicologia Social de Lissandra, ela, que é uma mulher negra, psicóloga e trabalhadora do Sistema Único de Assistência Social, se utilizou da escrevivência para narrar histórias de vida de mulheres que eram acompanhadas pelo CRAS. Apropriando-se desse recurso metodológico, Lissandra ficcionalizou histórias vivenciadas no cotidiano do trabalho com as responsáveis familiares vinculadas ao serviço de proteção básica, mas também, nas palavras da autora, “recuperadas da memória de minha própria história e de mulheres negras que fazem parte da minha

família, cuja posicionalidade se aproxima daquela ocupada pelas mulheres acompanhadas pelo CRAS” (SOARES; MACHADO, 2017, Online).

Recorrendo às falas de 08 mulheres, com idades entre 15 e 59 anos, que participavam dos grupos de desenvolvimento do CRAS e das acolhidas¹⁵ que integravam as atividades do CRAS devido a demandas familiares, onde a maioria tinha filhos e poucas contavam com o apoio de um companheiro, embora as que tinham um companheiro “não necessariamente vivem em situação estável com eles” (SOARES; MACHADO, 2017, Online):

Para contar essas histórias e preservar a confidencialidade das participantes da pesquisa, utilizei, no lugar do nome das usuárias, nomes de ruas do território: selecionei tanto nomes de ruas femininos existentes na região quanto feminizei os masculinos (João do Rio tornou-se Joana, por exemplo; Paulino Azurenha, Paulina). Essa escolha foi feita como forma de reconhecimento da importância do território para a constituição dessas mulheres em particular, e dessa população em geral. Os nomes escolhidos para os e as personagens também pretendem evidenciar alguns aspectos que podem ser vistos como produtos da relação das mulheres com o Poder Público. Não se trata de desenvolver estereótipos de usuárias e usuários, mas de utilizar o recurso do personagem e da narrativa ficcionalizada para destacar determinadas regularidades referentes à vida dessas mulheres (IDEM, 2017, Online).

Vimos anteriormente a importância dos territórios na constituição identitária, subjetiva, política e social das pessoas, aspecto novamente evidenciado por Lissandra e Paula. Territorializar a discussão é mais uma forma de plantar os pés no chão dessas histórias, nessa pesquisa, em especial, à partir do relato das mulheres, a apropriação do território através do que elas chamam de “caminhadas” se configura como uma estratégia de articulação, na qual desenvolvem fluxos paralelos através dos laços de solidariedade compostos por familiares, vizinhança e instituições que compõem o seu território. As caminhadas demonstram a potência política de resistência dessas mulheres no sentido de conseguirem alcançar êxito nos seus objetivos, cobrando e tensionando os serviços públicos na garantia dos seus direitos (SOARES; MACHADO, 2017, Online).

Outro ponto importante de reflexão destacado pelas autoras e que foram evidenciadas através das escrituras, emerge uma performatividade de classe que

¹⁵ Atividades que compõem o trabalho desenvolvido no ambiente do CRAS, sendo o grupo de desenvolvimento uma metodologia para o acompanhamento familiar, e a acolhida um espaço para o primeiro atendimento à demanda das usuárias (SOARES; MACHADO, 2017, Online).

está produzindo e é produzida de forma articulada com as performatividades de gênero e raça. É na “suposta relação” de necessidade entre as usuárias e o serviço que as posicionam em um lugar de subalternidade, sendo tomadas como marcadores sociais de diferença que produzem desigualdade. E para além da relação das usuárias com o serviço, mas a própria concepção de uma performance de gênero que tem como premissa a mulher enquanto cuidadora e responsável pela família, reiteradas pela própria PNAS. A construção cisheteronormativa das usuárias se mostrou enquanto uma problemática para o serviço que ainda conta com recursos insuficientes para a quebra de padrões hegemônicos de dominação (SOARES; MACHADO, 2017, Online).

Diante disso, a aposta no uso das escrevivências como uma ferramenta metodológica evidenciou aspectos coletivos da população atendida pelo serviço através das narrativas individuais, produzindo uma virada epistêmica, ao situar a diferença como produtora de potência de vida e de processos de subjetivação. A escrevivência possibilita, então, “a exposição de fissuras, brechas, vazios e o impensável, ao apostar nas invenções de si”, tornando-se um recurso de emancipação ao mesmo tempo em que presta uma subversão na lógica da produção do conhecimento (SOARES; MACHADO, 2017, Online):

Em tempos de intolerância e de profundos retrocessos quanto ao acesso a direitos fundamentais, as escrevivências despontam como uma metodologia e uma ética de pesquisa que aposta na escrita como forma de resistência. Abordar as vidas de mulheres negras, não como objeto passivo da pesquisa, mas como potência artística, inventiva, por meio da escrita literária, é um modo de evidenciá-las(monos) como protagonistas de suas(nossas) próprias histórias (SOARES; MACHADO, 2017, Online).

E foi pensando nos usos das escrevivências enquanto um recurso metodológico que aplaca a fome das vidas subalternizadas e alimenta os modos de produção de vida, que chegamos ao relato de João Pedro Goulart da Silva e Roberto Henrique Amorim de Medeiros. Os pesquisadores apuraram os seus ouvidos para os relatos que não produzem som, mas que estão ali, nos territórios, como imagens fantasmas que esperam inquietantemente serem vistas e reconhecidas.

No mesmo Estado em que a pesquisa de Lissandra e Paula acontece, João e Roberto saem à deriva pelos territórios periféricos de Porto Alegre/RS, buscando mapear as narrativas produzidas nesses espaços. Em artigo publicado na revista de Psicologia da USP em 2022, cujo o título é “A mixagem como leitura/escuta de

narrativas do território”, os autores fazem parte de um projeto de extensão universitária chamado “Clínicas de Território”. O projeto é desenvolvido desde 2016 no departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo caráter multidisciplinar, que convida “os alunos a experimentar o encontro com narrativas e a experiência com a produção coletiva de mapeamentos acerca da experiência no território” (SILVA; MEDEIROS, 2022, p 02).

Com o passar dos anos, a extensão Clínicas de Território vai construindo coletivamente, a partir das experiências de cada grupo de extensionistas, uma epistemologia própria que consiste em “derivar-escutar-escrever-mapear”. Sob o referencial teórico de Debord (2003), a Clínica de Território adentrou os territórios por meio da deriva, que seria o ato de caminhar sem um roteiro pré-estabelecido, estando aberto às circunstâncias oriundas do encontro. A partir da deriva e da possibilidade do encontro, os extensionistas passavam a escutar as narrativas dos territórios e expressavam essa experiência por meio da escrita. O mapeamento expressivo dos territórios, portanto, seria fruto dessa imersão, buscando escapar da descrição ou representação e tem como propósito “encontrar formas de produzir conhecimento acerca dos modos de vida nas cidades e compreender as construções subjetivas locais para lidar com os problemas, procurando atenuar chaves de leitura predeterminadas” (p. 02).

Entendendo o território não apenas como espaço geopolítico, mas enquanto um espaço subjetivo, constituído pelas relações sociais, os processos históricos, a cultura do coletivo, seus modos de vida, necessidades, potencialidades, condições e possibilidades, a Clínica de Território, à partir desses mapeamentos, estabelece ações de promoção em saúde coletiva, organização popular e dentre outras intervenções derivadas da escuta territorializada (p. 01).

Dessa forma, a experiência relatada nesse artigo tem como protagonistas a experiência de deriva de João Pedro e Roberto Henrique, sobretudo a experiência de João Pedro que, sendo um homem negro, encontrou dificuldades na escuta das narrativas num primeiro momento:

[...] Depois, seguindo o conceito de deriva, a meta foi tentar criar situações para o encontro com narrativas locais – essa foi a minha maior dificuldade. Outros colegas já começavam a trazer o resultado de seus encontros com narradores em um bar, numa escola ou mesmo na rua. Minhas derivas levaram a

mercearias, pequenas lojas, salão de beleza, uma ferragem, bares, praças e, em todos esses lugares, a resposta era sempre a mesma: “estou ocupado, não posso falar”, ainda que esses comércios estivessem vazios. Frustrado, desistia e voltava para casa. No caminho, um dia deparei com um muro branco e uma frase: “te expus um livro de opções, ‘mais’ suas decisões optaram pelo silêncio”. Desde então tomei os grapixos como narrativa do território e paro para ler/escutar o que eles têm a me dizer. A título de esclarecimento, não tomo a palavra “grapixo” para destacar um estilo artístico, mas como forma de não fazer uma diferenciação entre grafite e pichação. (SILVA; MEDEIROS, 2022, p.03)

Se questionando sobre essa experiência, João Pedro começa a se indagar se o encontro entre o seu corpo negro e o território não produziu, de alguma forma, o contato com as narrativas produzidas pelos grapixos nos muros da cidade. Narrativas que, segundo o autor, também são invisibilizadas e colocadas à margem:

Um bom procedimento de pesquisa em nosso campo é aquele que produz novas perguntas, além de suas primeiras respostas. Parece claro que o método da mixagem de narrativas, seguindo seu rigor metodológico e fiel a sua epistemologia, mostrou capacidade de revelar outras camadas discursivas que constituem realidades menos visíveis daquele território. Porém cabem algumas perguntas: em que medida o encontro com as narrativas dos recantos e dos muros também não foram efeitos da deriva de um homem negro, estranho ao território, com quem as pessoas têm receio de conversar? Entretanto, em que medida só um homem negro, que sente na pele a memória cotidiana da plantation reiterada em nosso tempo (Kilomba, 2019), poderia dar ouvidos a certas narrativas subalternizadas (Spivak, 2010) no território e no laço social? (KILOMBA, 2019; SPIVAK, 2010 apud SILVA; MEDEIROS, 2022, p. 11)

E sendo um homem negro, que está submetido às forças da colonização e das “memórias da plantação”¹⁶, como citado pelo autor, o processo de descolonizar essa experiência e encontrar um caminho identitário na produção da sua escrita também não foi uma tarefa fácil. Seria como descer um rio que rejeitasse a sua presença, empurrando o seu corpo para a margem sempre que possível. Foi preciso remar com todas as suas forças para se manter nesse rio, encontrar espaços onde poderia existir junto a ele. João precisou se despojar das roupas colonizadoras que lhe foram impostas, ribeirinhar sobre si mesmo e encontrar nesse mesmo rio um outro tipo de água, as águas que lhe permitiriam fluir junto à ele, as águas de Conceição Evaristo:

Fiquei um bom tempo apenas lendo-escutando as paredes até me sentir confortável com a ideia de escrever algo – todos os demais integrantes do projeto já haviam experimentado alguma forma expressiva de transmitir a experiência de suas primeiras escutas. Tentei fazer no mesmo formato que alguns deles, mas o resultado não se pareceu nem com a escrita deles, nem com a minha. Foi um desafio encontrar uma escrita que transmitisse a

¹⁶ KILOMBA, 2019.

experiência com a escuta dos muros do território [...] O contato com o pensamento de Evaristo me permite encontrar o rumo de minha leitura/escuta e escrita após a deriva inicial pelo território. A fim de conseguir expressar o que escutava dos grapixos, encontrei a forma da escrevivência. Há alguns motivos para isso. Primeiro, quero que meu trabalho seja essencialmente negro. Desde a narrativa até minha escrita. Desejo denegrir (tornar negro) este artigo, a academia e (meus) saberes. Em segundo lugar, porque a escrevivência diz, ao mesmo tempo, de uma escrita tanto de si como de um coletivo. E, em terceiro, porque desejo escrever em outro cânone acadêmico, não eurocêntrico, mas decolonial. Eu vim de África, e lá a transmissão é baseada na oralidade [...] E meu modo expressivo tem a forma de poemas. A intimidade com o movimento hip hop me fez perceber que, ao definir a poesia do rap como forma de dar expressividade ao grafite dos muros, eu estaria operando com dois de seus quatro fundamentos: MC (que se vale do rap); o DJ (disc jockey), o grafite e o break dance. (SILVA; MEDEIROS, 2022, p. 03 - 04)

E foi assim que nasceu o método de mixagem postulado pelos autores, misturando os elementos oriundos do processo de deriva de um corpo negro num território periférico no Sul do país. Se utilizando do nexa teórico da escrevivência que justifica a mixagem dos grapixos com as poesias produzidas pelo próprio, resultando numa síntese de elementos significantes dessa mixagem, o que produziria um elemento narrativo que evidenciasse aspectos e elementos dos territórios que se tornam invisíveis em mapas descritivos ou representacionais:

Meu procedimento consiste, portanto, em derivar para encontrar muros-narradores. Em seguida, escutar as narrativas do território a partir da mixagem da escrevivência dos grapixos com o texto produzido em forma de poesia rap que constitui minha escrevivência. O que resulta como terceiro texto a partir da mixagem entre a escrevivência do grapixo e minha escrevivência produzirá uma forma potencial e singular de mapeamento expressivo do território. Em resumo, o processo de mixagem engloba três elementos: o que chamaremos de texto 1 é a escrevivência contida no grapixo; o texto 2 é a escrevivência em forma de poesia produzida pelo pesquisador; e o texto 3, em formato de síntese de elementos significantes, compreende o que se produz com a mixagem resultante do texto 1 e do texto 2. Adverte-se que o texto 3 não é o mapeamento nem o mapeamento é uma narrativa. O elemento narrativo é o fundamento para atingirmos o objetivo de produzir um mapeamento do território de modo expressivo, buscando evidenciar outros aspectos e elementos que escapam ou se tornem invisíveis em mapas descritivos ou representacionais. (IDEM, p.04 - 05)

A mixagem, portanto, ofereceria condições para ouvir as narrativas escritas nos muros dos territórios. Esse método produz uma outra forma de leitura, propiciando a elucidação de elementos invisibilizados e de vozes subalternizadas. É uma proposta que sofisticou o uso das escrevivências, produzindo textos-experiências que produzem um

terceiro texto que “transcende e revela outras camadas discursivas que estavam presentes na fina camada de tinta sobre os muros do território” (p.12).

Eu li essa pesquisa-experiência-anúnciação com o corpo arrepiado. Era como se eu tivesse entrado em contato com algo sagrado. Chamo de anúncio, pois me pareceu um texto-vida que rompe com a lógica hegemônica na produção do conhecimento e anuncia uma outra forma de se constituir enquanto um pesquisador e que só seria possível no encontro de um pesquisador negro, no lócus do seu processo de descolonização, com as narrativas invisibilizadas nos muros da cidade. João escolheu os elementos da cultura hip hop (grapixo, rap e break dance) porque dialogam intrinsecamente com a sua própria história de vida. São formas de escrever que se expressam pelo corpo, pela voz e pela escrita, buscando reiterar constantemente novas formas de (r)existir. Nas palavras do autor “o maior ato político do negro em uma sociedade racista e genocida é manter-se vivo. Retirar dele formas pelas quais exercem sua voz política é tirar o que resta de humanidade dos sujeitos negros desde o período colonial. Nesse papel, o rap se aproxima do grapixo” (p.04).

Recuperando o sentido de exercer uma voz política na luta diária pela sobrevivência, trago a experiência da professora da Universidade Estadual do Ceará, Claudiana Nogueira de Alencar, que publicou um artigo na revista de “Trabalhos em Linguística Aplicada” intitulado: “A Escrita a Escrivência a Invenção a Poema”: performances e decolonialidades nas gramáticas culturais das coletivas de poetisas periféricas”.

Claudiana é filha de agricultores e participante ativa dos movimentos populares. Ingressou na universidade pública como estudante e anos depois assumiu o lugar de professora. Se tornou uma das idealizadoras do “Programa Viva a Palavra” e atua na gestão colaborativa e na coordenação partilhada desse programa que defende a literatura enquanto um direito humano e a palavra “como um modo de resistência ao extermínio da população pobre e negra em territórios de violência” (ALENCAR, 2021, p. 613).

Claudiana se constitui enquanto uma “participante-pesquisadora” dos movimentos culturais e literários das periferias de Fortaleza, onde acabou conhecendo um pouco da atuação das mulheres na cena cultural das periferias da cidade e do surgimento de coletivos culturais de mulheres escritoras. O seu artigo vai tratar exatamente desse

lugar, dos saraus e das coletividades feminizadas, onde Claudiana traz consigo as falas das poetisas da periferia, entendendo que a escrita dessas mulheres também é uma produção de conhecimento, um conhecimento que está na resistência de um corpo coletivizado (p. 613).

Utilizando-se dos aparatos teórico-conceituais para dialogar com as escrituras dessas poetisas, Claudiana se aproxima do conceito de Escrivência da Conceição Evaristo, do conceito de gramática cultural de Veena Das, de feminização da resistência de Sara Motta e as pesquisas sobre performatividade de raça e interseccionalidades de Glenda Melo (p. 613). Tendo como marcador da diferença a performatividade interseccional de raça, classe e gênero, as narrativas produzidas pelas poetisas periféricas ressignificam a vida social, ribeirinhando os seus contextos histórico-sociais, numa construção identitária à partir da cena literária (p. 613 - 614).

Então, apresentando algumas coletivas de poetisas periféricas¹⁷, a autora recupera o espaço em que elas foram se constituindo: os saraus e slams, que tem o lugar de fala predominantemente masculinizado. Sobre essa constatação, Claudiana aponta: “por estarem situados em uma sociedade capitalista, patriarcal e racista, os eventos na periferia são também atravessados por essas ideologias. Percebendo isso, as mulheres poetisas da periferia decidiram se organizar em coletivos culturais” (p. 614).

O modo de organização coletiva dessas poetisas se deu através de um projeto feminizado e descolonizador, se expressando através da gramática cultural numa nova estrutura que “ressignifica a dor em atos de escrivência: a poesia é a linguagem que cura” (p. 616 - 617).

No caso das poetisas da periferia, as vozes poéticas enunciadas procuram subverter o sexismo na língua, e o fazem de modo interseccional trazendo as questões de raça e classe social em articulação com as pautas de gênero e sexualidade [...] As poetisas dos coletivos culturais estudados procuram alterar essa prática linguística sexista não apenas na busca de pronomes neutros para um uso mais igualitário, mas modificando a morfossintaxe das palavras, ao transformar sintagmas considerados masculinos em língua portuguesa, tais como “o coletivo cultural” e “o poema”, em sintagmas femininos. Daí termos o uso dos sintagmas “a coletiva” e “a poesia”. (ALENCAR, 2021, p. 617)

¹⁷ Nesta seção, apresento os perfis, da rede social Instagram, de três coletivas de mulheres na periferia de Fortaleza: baRRósas; PRETARAU — Sarau das Pretas; e Elas Poemas — Escritas Periféricas. O intuito é analisar as performances identitárias encenadas por mulheres poetisas da periferia da cidade que se reúnem em coletivos culturais, ou melhor, em coletivas, como elas denominam (ALENCAR, 2021, p. 614).

Assim nasce “A Escritura” que, através de uma nova estrutura da escrita, se constitui enquanto um projeto político de (r)existência, utilizando-se de suas poemas para descolonizar corpos e vidas marcadas por um sistema de controle corporal-subjetivo cisheteronormativo e da branquitude (p. 619):

Um outro aspecto da escritura das poetas periféricas é a menção à corporalidade dessa produção poética. As poetas encenam uma poema encarnada. A poesia tem carne, tem sangue, tem suor, tem vida. O dizer sobre essa poesia encarnada expressa uma metapragmática, um dizer sobre o uso da linguagem como reinscrição da vida com a pujança de suas dores. Um dizer-fazer sobre língua, sobre a poema, conduzindo-nos a uma metaliteratura ou metapoética. Essa metapragmática também performatiza as poetas em sua potência de vida, transformando suas dores em alegria e prazer, como uma terapia pelo uso sempre social da linguagem (ALENCAR, 2021, p. 619)

Segundo Claudiana, esse projeto literário traz uma “performance de denúncia” que ela chamará de “escrevivência anunciativa”, por anunciar nesses movimentos uma performance corporal que se constitui enquanto um espaço antirracista que propicia a construção de algo novo, um espaço acolhedor e produtor de vida (p. 621 - 622). Afinal, falar do corpo é também acolher os afetos produzidos por ele, é dar espaço para ele existir em meio a uma sociedade que extermina os corpos dissidentes (mulheres, negros, trans, etc). É, pois, como Afrodite que nasce do órgão sexual de Urano jogado ao mar. Ao encontrar um espaço propício, Afrodite, que representa o amor, a sedução e a sexualidade, nasce em meio à uma profusão daquilo que mais representa a cultura patriarcal: o falo. Mais uma vez, as águas das Escrevivências anunciaram o nascimento de um ser novo, dotado de vontade própria e de tecnologias que subvertem a lógica cisheteropatriarcal.

Se podemos falar em escrevivência, quando as poetas cantam a realidade das periferias, essa categoria deve ser entendida não só pelo fato de se tematizar a realidade, as suas vivências em seus escritos. O conceito de escrevivência precisa ser ampliado para além de um modo de escrever/descrever vivências, formas de vida. É preciso recuperá-lo como um modo de propor, pela escritura das poetas da literatura periférica, novas formas de vida. Temos sim uma escrevivência de denúncia (IDEM, p. 621).

A poema, portanto, seria uma inventividade que cria conceitos e expressa uma escrevivência, denunciando as formas de opressão que produzem morte. A poema é uma ferida que sangra, como uma voz ancestral. Em sua selvageria, traz marcadores

importantes que interseccionam formas de vida contra-hegemônicas através da arte e da escritura constituída por uma coletividade, mas que é carregada de subjetividade.

Nas palavras de Claudiana, a poema também é cura:

Se a poema é uma ferida, trazendo a dor da violência colonial, do racismo, ela também é arma. É uma selvagem porque, ao mesmo em que recupera a dor e o sofrimento vivenciado por essas mulheres, por meio da escrevivência, demonstrando o fracasso da gramática do cotidiano para expressar o sofrimento, a poema performatiza essa dor em versos, como se a dor habitasse em outro corpo. Esse outro corpo é a poema, um corpo selvagem que subverte o sofrimento, ressignificando-o no plano da realidade e da utopia, na denúncia-anúncio da poesia que explode em muitas outras poemas. Nesse sentido, a poema é cura (IDEM, p. 622).

Seguindo movimento da escrevivência de anunciação das escritoras periféricas com suas poemas, voltamos o nosso curso para o Rio Grande do Sul novamente, num artigo que se propõe a refletir sobre os espaços de promoção de saúde enquanto espaços potencialmente antirracistas. O artigo “A Noção de Experiência na GAM Brasileira: Relações Raciais e Subalternidades”, publicado na revista “Polis e Psique” em 2020, com autoria de Livia Zanchet e Analice de Lima Palombini é fruto de uma pesquisa de doutorado que explorou a noção de experiência nos artigos publicados sobre a Gestão Autônoma da Medicação (GAM) no Brasil.

A autora do doutorado foi participante do projeto multicêntrico que implementou a estratégia GAM no país e escolheu abordar a noção de experiência por ser um termo usado frequentemente nas publicações analisadas sobre a GAM (ZANCHET; PALOMBINI, 2020, p.34). Segundo os dados levantados na pesquisa, cerca de 70% da população que utiliza o Sistema Único de Saúde se autodeclara de cor preta ou parda, ao passo que, de acordo com a experiência relatada pelos artigos, não houve uma perspectiva racializada das relações - ou pelo menos não havia ganhado menção explícita - o que trouxe muitos questionamento às autoras (ZANCHET; PALOMBINI, 2020, p.34 - 35).

Deste modo, as autoras sentiram a necessidade de ribeirinhar a discussão cavucando outros materiais e narrativas que pudessem tematizar as relações raciais dentro da estratégia GAM, uma vez que ela se faz presente de forma interseccional à loucura e ao perfil dos usuários do SUS. As autoras também vão ressaltar que, com a criação e implementação de políticas públicas que garantiam o acesso ao Ensino

Superior no Brasil, alunos de escolas públicas, das periferias, negros, indígenas e quilombolas passaram a frequentar as universidades e, devido a sua presença nesses espaços, os tensionamentos acerca das relações sociais, de gênero e classe começaram a fazer parte do contexto acadêmico, trazendo novos parâmetros e problematizações (p. 35 - 36).

Da mesma maneira, quando a estratégia GAM começou a ser implantada no SUS, encontrou no território brasileiro uma série de problemáticas que não se tinha contato na experiência prévia da GAM no Canadá. Havia uma discussão anterior sobre o uso ou não-uso das medicações no Brasil, pois muitas pessoas sequer tinham acesso à saúde e, conseqüentemente, às medicações de uso controlado. A falta de acesso aos direitos à saúde fazem parte dos ranços da escravização e período colonial, sendo que o “reconhecimento por parte dos usuários e usuárias brasileiros de seu lugar de cidadão e sujeito de direitos se mostrou uma questão um tanto mais nevrálgica do que se fazia para os usuários do Quebec” (p. 37).

A estratégia GAM parte do princípio da autonomia e do uso crítico da medicação, se valendo de estratégias da educação popular para tensionar a discussão acerca do processo de saúde-doença. Deste modo, o usuário precisa ter voz ativa na construção de sua autonomia e não teria sentido a estratégia GAM se não fosse assim. Nesse sentido, uma das pesquisas que as autoras encontraram, trata-se de um artigo escrito a vinte e sete mãos, que incluiu usuárias/os, acadêmicas/os e trabalhadoras/es num processo de coautoria e cogestão (FLORES et al, 2015 apud ANCHET; PALOMBINI, 2020, p. 37). A produção desse artigo, segundo Livia e Analice, se aproxima muito da proposição de Conceição Evaristo ao tratar do “reconhecimento do lugar de autoria para aqueles que, a priori ou oficialmente, estão destituídos de um lugar de saber” (p. 37).

O público que faz uso dos serviços de saúde mental no Brasil ocupa também uma posição de subalternidade, principalmente se levarmos em consideração as interseccionalidades presentes na sua condição, na sua vivência de uma nacionalidade diferenciada, como nos disse Conceição:

Neste sentido, do sujeito que não tem direito a voz, podemos dizer que os usuários da saúde mental são tomados com frequência nesta posição de subalternidade. Temos o processo de publicação do artigo a que nos referíamos logo acima como ilustração. Tal processo não está registrado em

nenhuma das publicações GAM, mas na memória das pessoas que estavam, à época envolvidas. O fato de ter sido escrito a tantas mãos já era, por si só, um empecilho à publicação, e a justificativa era de que a quantidade de autores para um único artigo em uma revista acadêmica prejudicaria o conceito científico da revista [...] Finalmente, conseguiu-se a aprovação para um caderno temático do Ministério da Saúde, organizado pelo Núcleo Técnico de Humanização, que tinha nesta edição o propósito de sistematizar experiências e debates sobre Reforma Psiquiátrica. Ainda assim, enfrentou-se dificuldades com as demandas burocráticas da publicação: todos os autores precisavam assinar a autorização para publicação, com reconhecimento de firma em cartório. Era uma condição impraticável, dado o grande número de usuários que compunham o grupo de autores e as particularidades que enfrentavam naquele momento, como internações, tutelas e mesmo delírios persecutórios disparados por tal demanda. O tempo que se tinha não era suficiente para resolver a burocracia. Por conta das justificativas, os editores da revista modificaram a demanda, solicitando a autorização reconhecida em cartório apenas dos pesquisadores responsáveis. Nesta situação, restringir era ampliar. (ZANCHET; PALOMBINI, 2020, p. 39 - 40).

Aproximando-se dos escritos de Emiliano de Camargo David (2018), as autoras conversam com o autor na ideia de que a GAM poderia se constituir enquanto uma estratégia antirracista, na medida em que “tensiona os lugares de saber/poder cristalizados na relação usuário X psiquiatra, ao incentivar a participação daquele nas decisões sobre o tratamento medicamentoso”, considerando que frequentemente o usuário é negro e o psiquiatra branco, tendo o racismo enquanto uma relação de poder e sustentação de privilégios, produzindo subjetividades e gerando sofrimento psíquico (DAVID, 2018, apud ZANCHET; PALOMBINI, 2020, p. 41).

Nesse sentido, o “abrasileiramento” da estratégia GAM passa necessariamente por revisitar os efeitos do racismo estrutural na sociedade brasileira na produção de subjetividade e nos processos de adoecimento. Dessa forma, as autoras também vão se aproximar das ideias sobre a Necropolítica postulada por Achille Mbembe (2016), onde as formas contemporâneas de “subjugação da vida ao poder da morte” se opera nas políticas de morte para o controle das populações, é o que Áurea e Cecília falam sobre as formas de extermínio que não são pela espada às populações pretas e periféricas do país (CARDOSO; COIMBRA, 2019).

Contudo, mesmo diante dessas políticas de morte, as produções acerca da força e da potência de resistência das usuárias/os da GAM no ato de resistir a essas lógicas de dominação fazem banzer a denúncia de um sistema racista e opressor, bem como a escrivência anunciativa de um espaço promotor de vida, sonhos e futuro:

Ainda que de formas gentis, utilizando-se da palavra para tecer perguntas ou de gestos para tecer danças, os usuários trouxeram a público momentos insurgentes durante o trabalho com a GAM, mas também graças a esse trabalho. Na medida em que a GAM abre espaço de fala para que seus participantes abordem livremente suas vivências com o uso de medicamentos psiquiátricos, manifestando o que aí está implicado, entendemos poder afirmá-la como uma ferramenta antirracista. A liberdade de expressão e a possibilidade de elaboração de experiências no coletivo são primordiais ao bom funcionamento da estratégia GAM, mas também condição para suportar nossa afirmação. O potencial existe, e, possivelmente, ao se agregar questões ao Guia GAM que toquem diretamente na temática étnico-racial e nos efeitos do racismo, a discussão poderia se fortalecer e se ampliar, assim como a brasilidade da GAM (ZANCHET; PALOMBINI, 2020, p. 48).

Uma outra pesquisa escritiva que eu tive a oportunidade de encontrar nesse meu processo vai tratar exatamente da importância das políticas públicas, sobretudo as políticas de assistência, saúde e educação, de abrirem espaços para que os usuários possam falar e serem reconhecidos em suas resistências. A pesquisa de Bruna Moraes Battistelli, Erica Franceschini, Flávia Luciana Magalhães Novais e Willian Guimarães, cujo o nome é “O Ato de Narrar e a Produção de Conhecimento em Psicologia Social”, publicada em 2021 pela revista “Polis e Psique”.

Trata-se de uma experiência na cena da política de Assistência Social do Rio Grande do Sul, onde se utilizaram da construção de narrativas de mulheres como procedimento metodológico para se pensar a Psicologia Social na contemporaneidade (BATTISTELLI et al, 2021, p. 164). Essas narrativas foram construídas a partir das experiências vivenciadas no contato com as usuárias do CRAS, através de um exercício ficcional inspirado por autoras como a Conceição Evaristo, em especial no seu livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (EVARISTO, 2017). Essas histórias, contadas pelas pesquisadoras, falam de como é possível “estar/sobreviver ao tempo presente que vivenciamos”:

Abrimos esta escrita com a narrativa de Maria e sua filha Chica: uma narrativa que inventamos, porém, que poderia ecoar a história de tantas outras mulheres. Mulheres que trabalham fora de casa, que cuidam de seus filhos e filhas, que acenam para que o ônibus pare, que enfrentam filas no supermercado, que sentem saudade da mãe que não veem há anos, que adoecem porque não contam com tratamento de esgoto, que acordam de madrugada para enfrentar a fila do posto de saúde. Mulheres que compartilham de experiências cotidianas, mas que podem não compartilhar das mesmas opressões: brancas, negras, pobres, ricas, cis, trans. São todas mulheres, contudo, os marcadores de raça e classe social que aqui são considerados indicam que cada mulher vive neste mesmo mundo de uma maneira distinta da outra. Justamente por esse entendimento prévio é que apostamos nas narrativas como um

meio de dar a ver estas diferenças, em que dar a ver não significa comparar uma Maria à outra, mas sim, colocar em questão estes marcadores, retirando-os de um lugar essencializado (isto é, onde cada marcador já definiria a priori, uma experiência) para poder, aliás, questionar opressões já naturalizadas e a realidade dos apagamentos histórico sociológicos. Chamaremos essas mulheres de Maria, um nome popular no Brasil (BATTISTELLI et al, 2021, p. 163 - 164).

Através das narrativas, se evidenciam as interseccionalidades presentes na vida das usuárias que frequentam o serviço e apontam para os marcadores de diferença que salientam os modos de opressão e subalternização a que são acometidas na vida cotidiana. Na elucidação desses pontos, as pesquisadoras se questionam: “que histórias nós, pesquisadoras/es de Psicologia Social, temos colecionado?”, na procura de tentar acolher as narrativas dos encontros que as afetaram, mas que nem sempre ganham o devido lugar na produção de suas pesquisas. O desafio, portanto, é aprender a olhar para as histórias e conseguir escutá-las, amplificando a sua voz, constituindo-se um exercício de “escrever o presente com linhas variadas e múltiplas”. Escrever para acolher, assim, torna-se uma de nossas intenções/inquietações” (p. 165).

Questionando-se se as histórias escutadas são, de fato, acolhidas - e se são, de que maneira acontece esse acolhimento - as autoras são convocadas a pensarem sobre o tempo presente e das possíveis contribuições da Psicologia, em especial a Psicologia Social, nessas situações. Trata-se de um fazer complexo que implica numa localização sobre o lugar que essas profissionais ocupam em meio a um sistema que opera, historicamente, diversas formas de opressão e que são, complexamente, sustentadas na lógica de operacionalização dos serviços públicos.

Nesse sentido, caminhando na discussão que elas fazem no artigo, escolheram apresentar narrativas de mulheres não por ser um exercício de exclusão às demais populações, mas como um processo que procura dar voz àquelas que, com frequência, são silenciadas em suas histórias dentro de um sistema cisheteropatriarcal. As mulheres, quando citadas nas pesquisas, acabam sendo narradas pelo outro que, geralmente, é um “homem branco, heterossexual e com forte influência do norte global” (p.167 - 168). Dessa forma, o objetivo das pesquisadoras perpassa pela necessidade de plantar os pés no chão da nossa história e, à partir dessas compreensões, diversificar as referências no campo da Psicologia Social “ao forjar uma unidade de vivências de povos que foram dizimados – tanto de maneira literal quanto culturalmente

– por colonizadores europeus nas Américas. Valorizar suas vivências, religiosidades e narrativas é também colocar em xeque uma história tida como oficial” (p 166):

Logo, não estamos nos propondo a interpretar a história das mulheres que pedem passagem, sequer estamos falando de interpretar alguma vivência específica. Ao convocar as narrativas de Marias, pensamos em dar abertura às novas histórias, ponderando sobre o modo como estas têm sido contadas por nós, acadêmicos. Que uso fazemos das histórias que emergem em nossas pesquisas? [...] Escolhemos abrir nossos ouvidos a histórias de mulheres que criam frestas no agora, mulheres que falam (mesmo que as instituições insistam em não escutar) [...] Se pudéssemos inferir certa analogia sobre as vidas de brasileiras como Maria, acerca dos modos como suas histórias são inscritas no mundo, no decorrer dos séculos, poderíamos dizer que sempre vivemos sob o jugo de uma grande borracha. Queremos dar ênfase ao fato de que foram e são inúmeras as borrachas que lançam suas grandes mãos para sufocar certas narrativas, implicando em um desenfreado apagamento de palavras e de vozes, tornadas esquecimento, tornadas estatísticas. Abrir os ouvidos seria, assim, uma possibilidade de criar novas memórias. Contudo, isto somente pode ser possível se, antes de tudo, analisarmos que nós mesmos produzimos apagamentos. (BATTISTELLI et al, 2021, p. 166 - 170).

Nesse sentido, o processo de falar “com/sobre Marias” passa, necessariamente, pelo processo de descolonização do pensamento. É preciso, segundo as autoras, racializar a discussão, reconhecendo as mazelas do mito da democracia racial no adoecimento subjetivo dessas mulheres e operacionalizar um saber/fazer psicológico que esteja alinhado aos modos de produção subjetiva locais e territorializadas (p. 176). É preciso produzir desvios, propiciar espaço para que outras narrativas ecoem, resguardar o direito de existir das diferentes formas de vida, é preciso produzir outras imagens, assim como um dia, Maria da Conceição Evaristo de Brito inspirou a todas nós com sua escrita:

Maria encontra outra Maria que acolhe suas necessidades e escuta sua história. Sem quereremos direcionar o CRAS como serviço ideal à escuta, afirmamos que o acolhimento não precisaria de uma política específica para fazer-se operar. Ofertar olhar, um abraço, um café não é apenas gestualizar uma rotina, mas sim, gestualizar novas moradas sensíveis. Com quem Maria pode compartilhar sua história, experimentar novos modos de existência, criar novas paisagens afetivas? São estas questões que fazem nossas práticas cotidianas tornarem-se práticas de cuidado e é a este cuidado que apontamos quando abordamos as questões de gênero, raça e classe social neste artigo. Nossa outra companheira de texto, Maria (a estudante) segue com sua terapia. Certo dia, resolveu parar e conversar com o porteiro. Sentiu uma empatia pelo homem, pontos de histórias em comum. Ele contou, que era uma orientação da firma que trabalhava para abrir a porta do elevador de serviços para pessoas negras. Maria lhe contou que nem deveriam existir mais elevadores de serviço.

Confessou que fica revoltado, mas precisava do dinheiro. Maria Conceição não entrou na Academia Brasileira de letras. Quem perdeu foi ela (a academia). Segue nos inspirando, contando histórias de vidas que importam e que merecem o cuidado com suas representações. Nos ensina que precisamos pensar nosso direito/privilegio de narrar e nossa implicação com as histórias que colocamos no papel. Se temos o privilegio de narrar, com quais histórias ocupamos nossas linhas, textos e artigos? María (a autora argentina e feminista) ajuda-nos a pensar que descolonizar, diz de um exercício de colocar nosso corpo e nosso pensamento em trânsito para novos lugares, para pensar e refletir acerca de nossas ferramentas de trabalho, para buscar por novas lógicas (IDEM, p. 178 - 179).

As autoras encerram o artigo explicitando o desafio que é ouvir diferentes vozes, no sentido de reconhecer as multiplicidades de existências que são atravessadas por questões raciais, de gênero, classe social, sexualidade e que sofrem, cada qual com sua dor, os pagamentos cotidianos. Mesmo assim, o subalterno fala, grita, ecoa a sua voz de resistência nos mais diferentes meios. Bruna, Érica, Flávia e Willian ressaltam que eles não tiveram o objetivo de encerrar tais discussões ou impor caminhos, mas de propor uma escuta aguçada para novas histórias e novas formas de escrevê-las. Esperam, portanto, que suas questões ecoam nas encruzilhadas da vida e que as suas histórias possam, quem sabe, propiciar um futuro mais acolhedor (p. 179).

Por fim, o último artigo lido para essa pesquisa, trata-se de uma escrevivência de quatro mulheres Amazônicas: Angela Mendes, Claudelice Santos, Edel Moraes e Sônia Guajajara, que participaram de uma roda de conversa intitulada de “Chico Mendes¹⁸ live”, durante o III Congresso Latino-Americano de Ecologia Política em 22 de Março de 2019. A fala dessas mulheres, cuja a experiência emerge de suas condições indígenas, caboclas e agroextrativistas, que fazem de suas vidas uma luta pela em defesa pela Mãe Terra, foi publicada na revista “Ambiente e Sociedade” em 2021:

Este registro exprime mais do que pensamentos, são histórias reais de quem é da Amazônia. O que nos une é a dor da perda de entes queridos; a angústia e medo transformados em coragem para levantar nossos corpos, doar e fazer ecoar nossas vozes; o clamor em defesa de todo o meio ambiente (do qual somos apenas uma pequena partícula); a força do caminhar com esperança, de compartilhar sonhos e utopias, sem jamais calar ou deixar de denunciar as

¹⁸ Chico Mendes foi um agroextrativista, filho da Amazônia, que foi assassinado por lutar e defender a floresta na região do Estado do Acre. Aliando-se aos povos da floresta desde a década de 1980, Chico Mendes possibilitou, através de um modelo de educação para a liberdade, a construção de uma proposta de regularização fundiária, resultando nas Reservas Extrativistas. Tendo como formato os territórios coletivos, mais de 600 comunidades se beneficiam desse legado, tendo como principal ideal a defesa e conservação das florestas (p. 7).

violações contra povos e comunidades tradicionais do Brasil. É a continuidade da re-existência como povos originários e indígenas, a reconexão dos povos da floresta, das águas e do campo, através do legado deixado por Chico Mendes, um filho da Amazônia, que foi assassinado por defender e lutar pela vida (MENDES et al, 2021, p. 2)

Na escrivência dessas mulheres, elas dizem: “os corpos desaparecem, mas a história permanece e por isso que nós estamos aqui para contá-la. Por isso que vocês estão ouvindo, para continuar a contar essa história, para não deixar essa história morrer” (p. 4). E é através dessa fala-denúncia que gritam por socorro, pedindo ajuda para a preservação dos seus modos de vida e da floresta. Na roda de conversa, pontuam que a dor de cada uma delas também ecoa na dor daqueles que as ouvem, pois enquanto elas falam, enquanto narram toda a sua vivência, revivem a dor e o sangue derramado ao longo dos anos. É pela dor, também, que encontram forças para lutar e reivindicar direitos (p. 5).

Em determinado momento, entre a fala de Sonia Guajajara e Ediel Moraes, ressaltam a violência acometida às identidades indígenas e desses territórios coletivos quando o Estado tira o direito de exercerem os seus modos de vida, quando assassinam suas histórias ao roubarem seus territórios:

Os povos indígenas quase acabaram. Durante muito tempo também foi negado a nós a identidade. Hoje estamos num processo de buscar as nossas origens de autodeterminação, de autoconhecimento. Nos calaram, mas agora as pessoas se levantam assumindo as suas raízes. Tentaram tirar nossa identidade, pois quando tira o território você também tira a identidade. É quando a gente não pode exercer o nosso modo de vida, e a gente deixa de ser o que é. O Estado Brasileiro roubou territórios indígenas para entregar para os fazendeiros. Quando a gente faz a luta pela retomada, a gente é dito como invasor. E, hoje, no Brasil, isso é muito dito pelos ruralistas. 13% do território nacional é território indígena, mas se você for fazer a conta ao inverso, você vê que 1% dos grandes ruralistas detêm 46% das propriedades privadas. Por que esse número não é dito também? Quando a gente faz essa luta, é uma luta coletiva, é pra todo mundo. São exatamente essas terras que a gente defende, que a gente protege, que estão garantindo a vida no planeta. Então nós precisamos não só pensar a importância dos territórios indígenas, o que [são] as unidades de conservação, o que é que as populações tradicionais extrativistas estão garantindo lá, mas a gente tem que começar a pensar também essas questões de conceitos, o que é que a universidade está fazendo para mudar esse entendimento, essa compreensão do que é importante e essencial para garantir a vida (MENDES et al, 2021, p. 5 - 6).

E nessa provocação sobre o que a universidade está fazendo para mudar o entendimento sobre o modo como escolhemos quem vive e quem morre no nosso país, que eu fico pensando a extrema importância/relevância dos trabalhos aqui apresentados. Contar sobre toda essa dor, sobre essas histórias silenciadas e represadas me foi possível pelos inúmeros privilégios que eu possuo no lugar que eu ocupo hoje. Embora eu seja um aluno pobre que entrou numa universidade considerada de elite pelo ProUni, ainda me constituo enquanto um homem branco que, bem ou mal, circula pela universidade. Ainda estou nesse lugar privilegiado. E diante de tantas provocações, me inquieto em saber qual o meu papel diante disso tudo? De que maneira eu posso assumir minhas responsabilidades e produzir algo que engaje as lutas diárias das tantas escrevivências que aqui foram narradas? A provocação dessas quatro mulheres na fala a seguir me mobilizam a pensar respostas para essas perguntas:

E nós ficamos falando aqui, contando o que foi tudo isso que está sendo, mas a gente não quer de jeito nenhum que as pessoas olhem pra gente como os coitadinhos. Não, de jeito nenhum. A gente quer que o povo reconheça a gente pela potência que nós somos, pelo que fazemos para proteger e defender a vida de tanta gente. Nós precisamos pensar em um projeto político de país. (...) Não adianta ficar nas redes falando: "eu não quero isso". Perguntas a gente já tem demais, sangue a gente já tem demais (MENDES et al, 2021, p. 6 - 7).

E foi reconhecendo a potência dos escritos aqui convocados que passo a recuperar o sentido pelo qual eu ingressei na faculdade de Psicologia. Esse saber chega à minha vida ainda muito cedo, quando era criança, um sentimento de não-pertencimento que me consumia vorazmente e retirava de mim tudo o que me possibilitava ter fôlego para a vida. A psicologia me ajudou a encontrar a minha voz, a recuperar o sentido de quem eu sou, de entender que eu não precisava mais negar a minha identidade, negar a minha fome.

Depois de cavucar essas produções acadêmicas escrevíveis em busca do fogo que alimenta a minha ação enquanto psicólogo, posso dizer que encontrei uma terra fértil. Olhando de cima, talvez essa terra se apresente seca, árida, sem vida, mas ao colocar os meus óculos de proteção e enfiar a mão sobre o solo, cavucando o mais fundo que posso, percebi que a terra mais ao centro se mostrava úmida, capaz de

produzir alimento. Essa terra cheia de nutrientes, cada qual com suas atmosferas de sentidos, aplacou a fome que vinha sentindo desde há muito tempo. A mesma fome que minha avó materna sentiu ao chegar em São Paulo, vinda do Nordeste e não tendo o que comer, precisava revirar o lixo para encontrar algo, ou a fome que sentia por não ter tido a mãe presente nos momentos em que o pai a agredia fisicamente por não ter feito as atividades domésticas aos 09 anos. Ou quem sabe a fome que ela sentiu ao não ser aceita pela família do seu marido que, nos comportamentos racistas, a discriminavam e a infantilizavam, como se ela não pudesse ocupar o lugar de esposa de um homem branco, filho dos colonizadores.

A mesma fome que a minha avó paterna sentiu ao ser expulsa de casa pelo marido, acusada de carregar o filho de outro homem na barriga (filho que no futuro seria o meu pai), tendo que perambular por uma cidade também estranha já que ela era do interior do Estado de São Paulo, precisando se refugiar na casa de desconhecidos por uma semana até ser “aceita” e “perdoada” novamente em casa. Ou então a fome que a minha mãe sentiu a vida toda por não ter tido o carinho e o afeto que ela tanto queria de minha avó, fazendo com que ela tivesse dificuldade de recuperar suas memórias da infância. A mesma fome que o meu pai sentiu durante muitos anos, tendo crescido no mesmo teto de um homem que acreditava que ele não era seu filho.

A fome que eu sinto por não ter um pai presente. A fome que eu senti durante a minha adolescência por não conseguir aceitar a minha sexualidade, a fome que eu senti de mim mesmo, por querer devorar minha própria vida. Esse vazio interno que me dominava após ser agredido por andar de mãos dadas com um namorado. A fome que eu senti durante a graduação nos intervalos das aulas enquanto os meus colegas compravam café na “casa do pão de queijo” e eu precisava esperar o horário do bandeirão abrir para jantar às 17h da tarde, a fome que senti por não ter tido as mesmas experiências em escolas desconstruídas ou em viagens internacionais. São muitas bocas para alimentar, e o arroz está 46% mais caro após a pandemia.

Assim me constituo, espelhado nos olhos-abebé de Maria-Nova que, despercebida, também começava a sentir fome ainda criança, colecionando as histórias de dor e de luta daqueles que a rodeavam, guardando-as no coração:

Maria-Velha e Tio Totó ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção. Maria-Nova, ali quietinha, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas à Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração (Evaristo, 2017, p. 30).

E mesmo num cenário como esse, me ofereceram alimentos, me ensinaram a cultivar a minha própria comida mas, sobretudo, me provocaram a plantar aquilo que iria aplacar minha fome. Como Conceição Evaristo e Glória Anzaldúa, colhi as palavras da minha escrita através da fome do mundo e da minha própria fome e, entrando em contato com essas histórias tão potentes e escrevíveis, pude recuperar aquilo que de fato mobiliza o meu fazer. Dessa terra, eu colhi os mais preciosos alimentos:

Colhi o ato de ribeirinhar os processos, plantando o meu pé no chão e aprendendo a fazer banzeirar as minhas reflexões-ações;

Colhi a experimentação a mixagem de elementos para a produção de uma outra narrativa, uma mais expressiva e que saliente as vozes silenciadas pela cidade;

Colhi a necessidade de realizar uma virada epistêmica na lógica de produção do conhecimento e na iminência de ampliar a lente de contato através dos processos de subjetivação presentes no cotidiano, desvelando as interseccionalidades e as formas de (r)existência a esses atravessamentos;

Colhi a importância de produzir uma escrevivência anunciativa que propicia a construção de um espaço acolhedor (e por vezes até ficcional), coletivo e promotor de existência às vidas subalternizadas;

Também colhi o compromisso de construir uma política de vida no meu saber/fazer psi que questione, tensione e enfrente as produções generalizantes e obliteratedoras;

O que me leva produzir um alimento que adentra o meu corpo, descolonizando-o, aguçando os meus sentidos para as mais diversas histórias e que me mobiliza a ter implicação ético-política na forma como as escuto, escrevo e reconto.

E, por fim, acendo a chama que ilumina essa luta, através das vozes que ecoam de todos os lados e que chegam aos nossos ouvidos. Essa chama queima as casas dos injustos, dos opressores e produz fumaça, produz sinais. Essa chama é símbolo vivo daquilo que necessita ser transmutado.

6. No Salubá da Escrevivência

Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria comprado cadernos com o dinheiro das coisas que vendia na feira, e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. Teria deixado a curiosidade que tive ao ver a faca com cabo de marfim se transformar na curiosidade pelo que poderia me tornar, porquê de minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas na cidade.

Torto Arado, por Itamar Vieira Junior (2019, p.127)

O trecho acima foi extraído do livro Torto Arado, escrito por Itamar Vieira Junior. Nessa parte da história, uma das irmãs gêmeas protagonistas da narrativa reflete sobre as palavras que inundavam seus pensamentos, mas que não conseguiam sair pela sua boca, já que a língua fora cortada num acidente ainda criança. O quão simbólico é o relato da moradora de Água Negra que, com o passar da idade, passou a sofrer violência física e psicológica pelo companheiro. Ter a língua cortada lhe fez calar a fala, embora sua voz nunca tivesse sido domada.

Glória Anzaldúa (2000) na sua carta para escritoras do terceiro mundo, reflete sobre aqueles que dominam os espaços de fala na sociedade. Embora muitos possuam o “dom da língua”, nada dizem, nada escutam. Não o fazem porque não podem e não saberão, porque não sentem na pele (dentro e fora dela) a dor de ser uma vida subalternizada. As vozes que verdadeiramente são ouvidas, são aquelas que evocam as realidades pessoais e sociais através do “sangue, pus, suor” e do gozo. Nesse sentido, a escritora suplica às mulheres do terceiro mundo:

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente

de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos. Com amor, Gloria (ANZALDÚA, 2000, p. 235)

A personagem de Torto Arado também é uma dessas mulheres que, na convocação de Anzaldúa, poderia (e assim o faz, mas na escrita de Itamar) por as suas tripas no papel, através da sua língua de fogo, aquela que ainda está ali.

A maioria das pesquisas citadas nesse trabalho passaram, em algum momento, pela história de vida das pesquisadoras, isso porque o ato de escrever é, segundo Anzaldúa, um ato de criar alma, uma alquimia. Ainda de acordo com a escritora, escrevemos para nos reconciliarmos com nós mesmos, numa luta desenfreada com as outridades que fomos internalizando. O “estrangeiro” que habita em mim é constituído pela figura-imagem do ser hegemônico. Em mim, por exemplo, é o homem branco, cisheterossexual, classe média alta e com o corpo nos moldes do padrão de beleza. Esse estrangeiro faz com que nos afastemos de nós mesmos e entremos em conflito com a nossa própria identidade (p. 232).

Nesse sentido, a escrita aparece enquanto uma ferramenta que penetra nessas camadas, ao mesmo tempo que nos protege e nos ajuda a sobreviver a elas. É pela escrita orgânica, isto é, encarnada em minha própria pele que eu produzo os movimentos necessários de descolonização do eu (ANZALDÚA, 2000; KILOMBA, 2019). E foi esse fenômeno que presenciamos ao longo do processo de cavucar as escrevivências dessas autoras e autores no seu processo de escrita.

E aí, entra o conflito, será que essa escrita é validada cientificamente? Será que essa escrita é importante? Será que ela tem relevância? Essas reflexões foram tensionadas e respondidas ao longo do trabalho. Segundo Anzaldúa (2000), eles (os ditos produtores do conhecimento) mentiram, “não existe separação entre vida e escrita” (p. 233).

Ressalto, nesse processo de contorno final do trabalho aqui relatado, que a Escrevivência tem sua origem marcada na escrita de mulheres negras mas que, por ser interrogação, acaba ampliando os seus sentidos. Deste modo, a própria Conceição

Evaristo, afirma - como dito anteriormente - que aquele que é marginalizado, subalternizado na sociedade brasileira poderia se identificar com o processo de sua escrevivência. Isso porque essa é uma escrita carregada de subjetividade, dor e resistência, mas que também fala de uma (ou mais) coletividade (EVARISTO, 2020, p. 32).

E foi exatamente por essa identificação que eu fui cavucado pelos textos da escritora, bem como pelas outras escrevivências que fui entrando em contato através desse processo. A cada arrepio, a cada lágrima, a cada dor e gozo que iria sentido ao enfiar essas palavras para dentro de mim, ia me confrontando com a própria noção de quem eu sou, isto é, minha identidade. Segundo Anzaldúa, a identidade “é um rio, um processo, que flui entre, sobre aspectos de uma pessoa” e, para continuar sendo rio, é preciso que a pessoa esteja em constante movimento, senão essas águas estariam contidas num copo, num lago ou num tanque. As mudanças são externas e internas e precisa fluir por entre as margens. Mesmo agora, não temos como saber a extensão total do rio e talvez nunca chegaremos a esse ponto. O que sabemos é que ele tem movimento e assim somos (ANZALDÚA, 2009, s/p).

Continuando no pensamento da escritora, ela dirá que “ler é uma forma de construir identidade” (2009). Então todo o processo de escrita deste TCC, bem como as leituras prévias, durante e pós, contribuíram nesse processo identitário que, com seus afluentes, transcorrem os mais variados caminhos. Entrar em contato com as escrevivências me fez entrar em contato com a minha própria branquitude, questionando-a, bem como me fez entrar em contato com a minha homossexualidade, acolhendo-a e com a minha fome, alimentando-a. O objetivo sempre foi esse, de se aproximar e nunca de se apropriar.

Durante esse processo, encontrei muita resistência no ato de escrever, porque tive que confrontar os meus demônios, o estrangeiro que habita em mim. Não foi um processo fácil, mas sem dúvida, foi emancipatório *por demais*, como diria minha avó. Ainda compactuando com as ideias de Anzaldúa (2000, p. 234), escrever é uma forma de sobrevivência, é cura, é potência, é acolhimento, é uma forma de nos desnudar diante de quem somos e do que vivemos:

Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos — chamo isto de escrita orgânica. Um poema funciona para mim não quando diz o que eu quero que diga, nem quando evoca o que eu quero que evoque. Ele funciona quando o assunto com o qual iniciei se metamorfoseia alquimicamente em outro, outro que foi descoberto pelo poema. Ele funciona quando me surpreende, quando me diz algo que reprimi ou fingi não saber. O significado e o valor da minha escrita é medido pela maneira como me coloco no texto e pelo nível de nudez revelada. (ANZALDÚA, 2000, p.234)

E foi através dessa escrita orgânica, minha e de tantas autoras, que eu pude ter acesso à uma lembrança esquecida da minha infância. Quando era pequeno, adorava estar em contato com a terra (ainda gosto), lembro-me de cavucar a terra em busca de algo. Muitas vezes, encontrava pedras, minhocas, caracóis e até aranhas. Me divertia ao ver a terra sendo colocada para fora, abrindo buracos para que depois eu pudesse fechá-los. Desde muito novo eu já procurava por algo nesse solo que habitamos. Por isso utilizei muito essa palavra enquanto um movimento de busca, de estranhamento, de provocação, de recuperação. E quando encontramos algo nessa procura pelo sabe-se lá o quê, um sentimento de refúgio nos acolhe fortemente. É isso que sinto na Escrevivência.

Salubá é uma saudação ao Orixá Nanã Buruku e significa “nos refugiamos em Nanã”. Nanã é o Orixá da vivência, dos processos da vida, da sabedoria adquirida através das experiências. É aquela que moldou o barro que constitui o nosso corpo e possibilitou a vida. E também é aquela que recupera esse corpo através de sua terra e nos acolhe no momento da morte. É a senhora do poço, da lama, dos manguezais. Senhora dos lagos e da decantação.

Certa vez, eu ouvi de uma psicóloga que não tinha aproximação com as religiões de matriz africana, mas que realizou uma roda de conversa num terreiro na cidade de São Paulo que, quando ela soube o que significava o Orixá Nanã dentro do culto lorubá, ela ficou toda arrepiada, pois é exatamente isso que nós, psicólogos, fazemos enquanto profissionais. Nós acompanhamos os processos constituídos através das vivências das pessoas e as ajudamos na decantação daquilo que é produzido nesse viver. A sabedoria de si e da vida é fruto dessa decantação, da encarnação da experiência viva em si.

Eu me emociono ao escrever sobre isso, pois cultuamos Nanã como aquela que acompanha e zela pela História da humanidade. Nanã é a representação da resistência

dos escravizados, de suas histórias apagadas pelo processo colonizador. Nanã é senhora, anciã, e nos refugiamos em sua força quando estamos cansados e com dor, quando procuramos sabedoria e vitalidade para (r)existirmos.

Assim, a Escrivência também vai se constituindo enquanto uma força-potência onde encontramos refúgio de nossas dores silenciadas pela opressão. E, dessa forma, com mais inquietações do que nunca, convido a todos que lêem essas palavras a encontrarem o Salubá da Escrivência e, à partir de suas terras cavucadas, possam fluir junto às águas-espelho de Oxum e Iemanjá, que se encaminham para o coração vivo de uma ancestralidade que povoa esse solo.

Vovó quando a maré baixar

Vai me visitar

Vai me fazer devoção

Vai me presentear

No mar, mora Yemanjá (4x)

*Muitos negros foram pro Brasil, Bantos, Nagôs e Iroubás
Dentro de um navio negreiro, deixou uma lágrima correr pro mar*

No mar, mora Yemanjá (4x)

Uma lágrima correu pro mar

Caiu no peito de Yemanjá

Ela podia mudar a maré

Mandar meu barquinho de volta a Guiné

No mar, mora Yemanjá (4x)

Ponto Cantado à Linha dos Pretos Velhos no Terreiro Luz do Amor Divino

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Livros. (Feminismos plurais), 2019.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. A Escrita A Escrevivência A Invenção A Poema”: Performances E Decolonialidades Nas Gramáticas Culturais Das Coletivas De Poetas Periféricas. **Trab. linguist. apl.** 60 (3) • Sep-Dec 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/jsdJfmLV3gwqwJYyj554S4p/?lang=pt.>>. Acesso em 09/10/2022.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, 8, 229-236, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em 09/11/2022.

ANZALDÚA, Gloria. Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana - Tradução feita por Tatiana Nascimento do ensaio To(o) queer the writer – loca, escritora y chicana. In: KEATING, AnaLouise (Ed.). **The Gloria Anzaldúa Reader**. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163-175.

BATTISTELLI, Bruna Moraes Battistelli et al. O Ato de Narrar e a Produção de Conhecimento em Psicologia Social. **Rev. Polis e Psique**, 2021; 11(1): 162 - 182. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v11n1/v11n1a11.pdf>>. Acesso em 08/11/2022.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Em **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política: obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos/ Ecléa Bosi. São Paulo:

Companhia das Letras, 1997.

CARDOSO, Áurea Alves; COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Banzeirar: fazendo ribeirinhar certas práticas ditas de cuidado. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 31, p. 185-194, 4 set. 2019.

CAVUCAR. In: **MICHAELIS**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. UOL, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/AKKm/cavucar/>>. Acesso em: 16/10/2022.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**. v.5, n.1, 2017.

CONCEIÇÃO EVARISTO. **LITERAFRO**: o portal da literatura brasileira, 2022. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em 14/10/2022.

DAVID, Emiliano Camargo. (2018). **Saúde mental e racismo**: a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil (Dissertação de Mestrado. PUC/SP. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, São Paulo). Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21029/2/Emiliano%20de%20Camargo%20David.pdf>>. Acesso em 09/11/2022.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Escritoras mineiras**: poesia, ficção, memória. Belo Horizonte: FELE/UFMG, 2010b. p. 11-17.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. Pallas - 1ª edição, Rio de Janeiro, 2014.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). Mulheres no mundo:

etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: Idéia: Editora Universitária UFPB, 2005. Livro não paginado.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 48-54.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Pallas Editora, 2017.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil.** Correalização: Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural. Execução: IBOPE Inteligência - 5ª edição, 2020.

FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 55-71, jan./mar. 2021. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/47085/2/2219-9461-1-PB.pdf>>. Acesso em: 16/05/2022.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina

Comunicação e Arte, 2020. p. 58-73.

FOX, Lorelay. O QUE É PAJUBÁ? - Lorelay Fox. **Youtube**, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QJiHj5-ZhLo>>. Acesso em: 06/11/2022.

FRANCISCA, Elânia. A escrita pode ser um movimento de cura: fique são. **Coluna Viva Bem Uol**: Opinião, por Elânia Francisca, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/colunas/elania-francisca/2021/02/26/a-escrita-pode-ser-um-movimento-de-cura-fique-sao.htm>>. Acesso em: 08/06/2021.

FRANCISCA, Elânia. Ageismo e Adultocentrismo: quando a idade é um fator para a discriminação.. **Coluna Viva Bem Uol**: Opinião, por Elânia Francisca, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/colunas/elania-francisca/2021/06/11/ageismo-e-adultocentrismo-quando-a-idade-e-um-fator-para-a-discriminacao.htm>>. Acesso em: 18/06/2021.

GOMES, Elaine. **A arte de narrar histórias**/Elaine Gomes. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018.

GOMES, Elaine. **Fátima, A Fiandeira**: narração artística e outras reflexões. Que História é Essa? - Youtube, 2020 [09m07s]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=917D2nmxtzQ>>. Acesso em 10/11/2020.

ITAÚ CULTURAL. **Ocupação Lia de Itamaracá**. Itaú Cultural - 55ª Edição, São Paulo, 2022.

JESUS, Carolina Maria de [1992]. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10ª ed. - São Paulo : Ática, 2014. Disponível em: <<http://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235~Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf.pdf>>. Acesso em: 08/05/2022.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto Arado**. Todavia; 1ª edição (7 agosto 2019).

Kilomba, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó, 2019

MACHADO, Regina. **Acordais**: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. (2016) **Arte e Ensaios** (UFRJ), (32), 123 - 151. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em 08/11/2022.

MEDINA, Cremilda. **Narrar é longeviver**: caminhos da memória/ Cremilda Medina (organizadora). -- 1. ed. -- São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2020.

MELO, Henrique Furtado de; GODOY, Maria Carolina de. **(Re)Tecendo Os Espaços De Ser**: Sobre A Escrivência De Conceição Evaristo Como Recurso Emancipatório Do Povo Afro-Brasileiro. Atas do V SI-MELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. p. 1285-1304. 2016. Disponível em: <<http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17900/15252>>. Acesso em 25/05/2022.

MENDES, Angela et al. Chico Mendes Vive: Amazônidas em defesa da vida. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo. Vol. 24, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/asoc/a/ssVXWHHvTkzcBpDS9rbpYsn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 26/10/2022.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa: Um instrumento metodológico possível. Universidade Federal da Paraíba. Revista **Temas em Educação**; João Pessoa Vol. 23, Ed. 1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em:

<<https://www.proquest.com/openview/23ac2587640666ea1799b2197c7b1f00/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4514812>>. Acesso em: 13/06/2021.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

NUNES, Sued. Povoada. **Youtube**, 2021 - Mugunzá Records. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pc6w8YYEKCK>>. Acesso em 20/10/2022.

NUNES, Sued. Travessia. **Youtube**, 2021 - Mugunzá Records. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a0P_4wmlXlw>. Acesso em 07/11/2022.

OTELO, Renata Celina de Moraes. **Corpos da Ciranda**: narrativas poéticas, artístico/estética da ciranda de Lia de Itamaracá. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRN_08d9b6ca582780762e94e50003596067>. Acesso em 21/10/2022.

OXOSSI, Pai Caetano de. **Ecos de Aruanda**: contos de umbanda. Coordenação espiritual: Pai Tobias da Guiné - Porto Alegre: BesouroBox, 2018.

PIMENTA, Luciana et al. A escrivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em Olhos d'água. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 251-261, maio-ago. 2021. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40482/27139>>. Acesso em 25/10/2022.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de (2019). Griots, cantadores e rappers: do fundamento do verbo às performances da palavra. **Revista de Estudos Africanos**, número Cero: páginas. 107-118. Disponível em:

<<https://revistas.uam.es/reauam/article/view/reauam2019.0.005/11606>>. Acesso em: 16/05/2022.

RAMÃO, Sílvia Regina; MENEGHEL, Stela Nazareth; OLIVEIRA, Carmen. Nos Caminhos de Iansã: cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. **Psicologia & Sociedade**; 17 (2): 79-87; mai/ago.2005.

RAMOS, Jair de Souza. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 45, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8251>>. Acesso em: 16/05/2022.

ROSA, Vanessa. **Terreiros do Riso**. Disponível em: <<https://www.terreirosdoriso.com.br/>>. Acesso em: 06/11/2022.

SÁENZ, Benjamin Alire. **Aristóteles e Dante Descobrem os Segredos do Universo**. Seguinte; 1ª edição, 2014.

SAFFIOTTI, Allan. **Atenção em saúde mental a partir da noção de território**: uma reflexão sobre os Centros de Atenção Psicossocial. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-24072017-182532/publico/saffiotti_do.pdf>. Acesso em: 16/05/2022

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Dez Perguntas para Conceição Evaristo – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social - Polo de Desenvolvimento Educacional/ Notícias**, 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>. Acesso em: 19/06/2021.

SILVA, Gislene Alves da Serra. Ateliês Autobiográficos: Escritoras De Alagoinhas E Suas Escrevivências. **Grau Zero**: Revista de Crítica Cultural, v. 3 n. 1 - 2015.

SILVA, João Pedro Goulart da; MEDEIROS, Roberto Henrique Amorim de. A mixagem como leitura/escuta de narrativas do território - UFRS. **Psicologia USP**, 2022, volume 33. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/v3G95ryBWWkQBKWnTW3smKj/?lang=pt>>. Acesso em: 07/11/2022

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Rev. psicol. polít.* vol.17 no.39 São Paulo maio/ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X201700020002>. Acesso em: 08/05/2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ZANCHET, Livia; PALOMBINI, Analice de Lima. A Noção de Experiência na GAM Brasileira: Relações Raciais e Subalternidades - UFRGS. **Rev. Polis e Psique**, 2020; 10(2): 33 – 52. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v10n2/v10n2a03.pdf>>. Acesso em: 08/11/2022.